

Gustavo Sobral • Juliana Bulhões

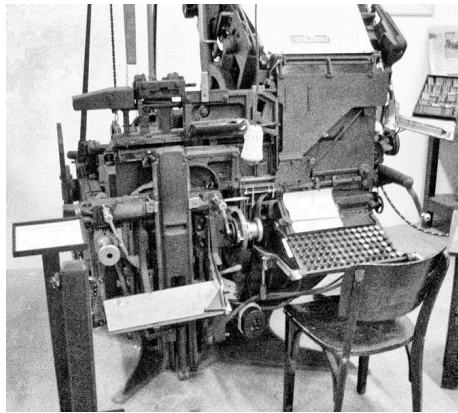
Memórias do jornalismo no Rio Grande do Norte – As jornalistas –



Editora Biblioteca Ocidente
LIBRUM LUX MUNDI

Gustavo Sobral • Juliana Bulhões
Organização

Memórias do jornalismo no Rio Grande do Norte



— As jornalistas —

Editora Biblioteca Ocidente

2025

Copyright © 2025 by Gustavo Sobral
Copyright © 2025 by Juliana Bulhões

Direitos reservados a:

Editora Biblioteca Ocidente
Av. Parque das Lagoas, 195
Parnamirim, RN, CEP 59154-325

Título original em língua portuguesa: Memórias do jornalismo no Rio Grande do Norte: as
jornalistas

Capa e editoração: Gabriel Araújo.

Editor: Francisco Isaac Dantas de Oliveira.

Comitê editorial da Editora Biblioteca Ocidente: Adriano Cruz (UFRN), Francisco Isaac D. de
Oliveira (CERES/UFRN), Joaquim Pinheiro de Araújo (UFERSA), Juliana Bulhões Alberto
Dantas (UERN), Maria Aparecida Ramos da Silva (UFRN), Mariza Silva de Araújo (IFESP) e
Sheila Mendes Accioly (UFPB).

Imagem da folha de rosto: Máquina Linotype, Museu da Imprensa Oficial Eloy de Souza
(adquirida em 1930).

Imagem da capa: Angela Almeida.

Revisor: Matheus Gomes.

Para obter o e-book, acesse www.revistagalo.com.br e faça o *download* gratuitamente.

Visite nossas redes sociais:

@editorabocidente e @revistagalo no instagram, e;
@revistagalo.com.br no bluesky.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sobral, Gustavo

Memórias do jornalismo no Rio Grande do Norte : as jornalistas / Gustavo
Sobral, Juliana Bulhões. — 1. ed. — Parnamirim, RN : Editora Biblioteca Ocidente,
2025.

ISBN: 978-65-01-32108-0

1. Histórias de vidas. 2. Jornalistas — Brasil — Biografia. 3. Memórias. 4. Rio
Grande do Norte (RN). I. Bulhões, Juliana. II. Título.

25-251145

CDD: 079.092

Índice para catálogo sistêmico

1. Jornalistas : Memórias autobiográficas 079.092

Biblioteca: Aline Grazielle Benitez CRB 1/3129

“Fazer jornalismo é produzir memória”

— Geneton Moraes Neto

Sumário

Jornalistas,	5
Rejane Cardoso	9
Josimey Costa	27
Marize Castro	36
Anelly Medeiros	41
Anna Ruth Dantas	52
Rosilene Pereira	63
Cledivânia Pereira Alves	77
Organizadores	91
Sobre este e outros livros	92

Jornalistas,

Muito antes de ser de fato, a palavra já contemplava o que deveria: jornalista é um substantivo comum aos dois gêneros. Infelizmente, muitas águas ainda precisarão rolar para efetivamente haver no jornalismo igualdade entre homens e mulheres.

A imprensa feminina, no começo, era um exercício pleno dos homens que escreviam com o propósito de entreter e educar as mulheres. O jornalismo continuou assim até que as primeiras jornalistas começaram a furar as fileiras, a escrever e a compor, não só em uma imprensa dita feminina, mas a mergulhar no jornalismo de forma total. E tudo isso não foi da noite para o dia: passou pelo processo de fazer da imprensa um espaço para a conquista da mulher ao direito à voz, à educação, à profissão, ao voto.

A imprensa feminina se espalhou de Norte a Sul do país. A começar pelo *O Espelho Diamantino*, Rio de Janeiro, em 1827, dedicado “às senhoras”, escrito por um “senhor”, Pierre Placher; e mais outro, *O Mentor das Brasileiras*, em Minas, de 1829; e mais outro, *O Espelho das Brasileiras*, no Recife; e de jornal em jornal, o espaço começou a ser franqueado às mulheres.

É no *O Espelho das Brasileiras* que a futura afamada Nísia Floresta, em 1831, começaria a sua carreira pelos jornais,

e daí se foi até chegar ao *Jornal das Senhoras*, o primeiro dirigido por uma mulher, Joana Paula Manso Noronha, em 1852, Rio de Janeiro.

Uma história bem contada e que se pode recuperar no dicionário da imprensa feminina e feminista da professora Constância Lima Duarte — fonte destes dados. E no que tange à história do jornalismo no Rio Grande do Norte, encontramos o que pode ser o primeiro jornal feminino aqui editado: o *Primavera*, um jornal de 1875.

Publicava poemas e acontecimentos políticos e sociais, entre outros assuntos no campo dos bailes, do vestuário e da comida. Impresso na Tipografia Assuense, duas vezes por mês, vendido a mil réis a assinatura de dez números, e o redator era Custódio L. R. d'A. Durou um ano.

É a pedra da roseta do jornalismo feminino no Rio Grande do Norte. Atrasado, é certo. Tendo em vista que a primeira folha feminina foi vista no Rio na década de 1820. Mas é que aqui tudo veio depois. Enquanto as demais províncias da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará, já tinham prelo e jornais, o Rio Grande do Norte esperou até 1832 para que tivesse a sua primeira gazeta: *O Natalense*.

O levantamento de Luiz Fernandes pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, realizado em 1908, e que compreende os jornais de 1832 até aquela data, são a prova do tanto que existiu. Outro jornal feminino no Rio Grande do Norte, e do mesmo ano do *Primavera*, foi *O Íris* (1875–1876), também de vida curta, bimensal, para as mulheres e redigido por Joaquim Fagundes.

O próximo passo, depois de tudo isso, foi a chegada das mulheres à imprensa. A professora Otêmia Porpino Go-

mes, jornalista, no mestrado, estudou a imprensa feminina no jornal *A Esperança*; e Elizângela de Araújo Nogueira Mello estudou o jornalismo de Dolores Cavalcanti em Ceará-Mirim, também trabalho de mestrado.

É possível elencar ainda a atuação das jornalistas Miriam Coeli e Zila Mamede e, além delas, as formadas pela Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza e tantas outras jornalistas que vieram depois da pioneira, por indicação de Câmara Cascudo, que foi Úrsula Garcia, no jornal do pai dela, *O Rio Grande do Norte*, idos de 1892.

Muito antes de existir uma faculdade de jornalismo em Natal, a Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza (1962) já era ativa, caracterizando-se como um dos primeiros cursos do país. Ainda há uma história a ser contada, da escolha da profissão ao exercício, dos desafios e das agruras, das conquistas e das superações que perpassam a história de vida das mulheres que encontraram no jornalismo uma profissão.

É um pouco da trajetória de jornalistas que aqui se registra. São sete depoimentos e uma profissão. Se no trabalho anterior, *Memórias do jornalismo no Rio Grande do Norte* (2018), adotamos a entrevista em profundidade como ponto de partida, neste, em razão da Pandemia da Covid-19 — cujas recomendações para saúde e segurança exigiam o isolamento social —, optamos, no ano de 2020, por enviar um roteiro guia para a escrita dos depoimentos, acrescentando que as entrevistadas privilegiassem a escrita pessoal em primeira pessoa.

O roteiro, como no trabalho anterior, teve por norte dois eixos centrais: a experiência profissional e reflexões

JORNALISTAS,

sobre o jornalismo, o processo de formação, o início da carreira, as práticas e ambiente de trabalho; e a escolha, a importância e uma concepção para a depoente do que é jornalismo. O critério para a escolha das convidadas levou em conta mulheres jornalistas norte-rio-grandenses que atuaram, e ainda atuam, em diversas frentes — política, cultura, impresso, tevê, rádio, digital, assessoria, etc. Alguns convites foram recusados.

Assim, a construção da memória coletiva do jornalismo e do jornalismo no Rio Grande do Norte se fortalece com os depoimentos que recolhemos e que aqui constam, em um exercício nosso de também fazer da memória jornalismo: Rejane Cardoso, Josimey Costa, Marize Castro, Anelly Medeiros, Anna Ruth Dantas, Rosilene Pereira e Cledivânia Pereira Alves, jornalistas.

Gustavo Sobral e Juliana Bulhões

Rejane Cardoso

Meus pais tinham um casal de filhos: Selma e Otomar, de onze e treze anos, quando eu sinalizei que ia chegar, em 1949. Minha mãe Clóris, nascida em 1912, era dona de casa, ex-aluna e foi modelo da farda em um livro sobre a Escola Doméstica. Moravam no Rio de Janeiro, mas a minha chegada provocou a volta da família para Natal.

Meu pai, nascido em 1902, foi um dos primeiros farmacêuticos de Natal, formado em Recife, já que na cidade nem faculdade tinha. Combativo, foi o revolucionário de 1930, que soltou uma granada abalando Natal e fazendo zarpar o navio que levava o presidente Juvenal Lamartine para o exílio.

O estrondo foi tamanho que fez as suas correntes arrancarem um pedaço do cais do porto. Aduito da Câmara, então secretário de segurança do Estado, diz no seu livro *Ocaso da República*: “em Natal havia um revolucionário, um só: o sr. Omar Lopes Cardoso”. Seus contemporâneos contam que não tiveram coragem de prendê-lo, por isso nunca foi encontrado.

Omar só foi preso por alguns dias, assim como seu futuro sogro Eloy de Souza, em 1932, juntamente de uma dúzia de membros do Partido Popular, que era opositor de Café Filho. Presos sim, “*como suspeitos de conspiração em*

favor da causa paulista” – como mostra a foto histórica do livro de Edgar Barbosa *História de uma Campanha*.

Omar era o fundador-diretor do combativo jornal *A Tarde*, onde ele e Eloy escreviam seus artigos. A redação chegou a ser “empastelada” — ou seja — ter seus tipos com as composições já prontas espalhados pelo chão, para impossibilitar a impressão.

Essa luta o fez fechar a Farmácia Natal. No Exército, então, foi tenente-farmacêutico, responsável pela farmácia do Hospital Militar. Casou em 1935 com Clóris, enteada do Dr. Eloy. Meu pai não quis seguir a carreira e cedo pediu para ser reformado. Por isso, só tenho a lembrança vaga dele no hospital do 16-R1, da sua farda no guarda-roupa e da sua medalha de guerra.

Eu nasci em 1949, na rua Seridó, no bairro de Petrópolis. Aos cinco meses de idade, fui morar na Av. Afonso Pena, 755, Tirol. Estudei na Escola Doméstica, fundada em 1914 pelo meu tio-avô-torto Henrique Castriciano. Ele se preocupava com a educação feminina ainda muito atrasada no início do século 20 e, pensando em renovação, foi complementar sua pesquisa de ensino doméstico na Suíça para criar a Escola Doméstica de Natal.

Eu estudei lá desde o terceiro ano primário até concluir o segundo grau. Foi quando a escola lançou uma bolsa branca, complementando seu uniforme, imaculado, onde havia escrito em letras azuis: “o mundo inteiro não vale a minha Escola Doméstica de Natal”.

Tive minhas dúvidas: será? Quando estava concluindo o curso em dezembro de 1967, recebi um convite irrecusável de Otomar, meu irmão jornalista e assistente social,

para passar uma temporada com ele e sua família em Paris, onde fazia curso de pós-graduação na área de ciências sociais. Não tive dúvida: a resposta imediata foi sim.

Como ex-aluna do professor Américo de Oliveira Costa na ED, achava que o professor de filosofia dava a entender que, apesar de toda a admiração pela cultura greco-romana, Paris era o apaixonante epicentro cultural, reunindo grandes pensadores, por isso já era chamada de Cidade Luz. Também já dizia Hemingway: “Paris é uma festa permanente!”

Aos 17 anos de idade, não podia perder essa chance única de conhecer Paris. Em 11 de janeiro de 1968, depois de dois meses de internato na redoma da ED, parti com Marta, recém-formada em Jornalismo e filha do professor católico Otto Guerra, para encontrar nossos irmãos na república natalense de estudantes que eles formaram. E meus pais foram de ônibus me deixar em Recife: eu feliz da vida fazendo a linha Natal-Paris, via Goianinha.

Apoiados por D. Eugênio Sales, nossos irmãos faziam seus estudos na área social, morando em Montparnasse, na Rive Gauche, a margem esquerda do Rio Sena, perto da efervescência da Sorbonne. Além deles, morava o casal Salete Bernardo e Assis Câmara, também estudantes da mesma escola de altos estudos sociais e com as duas filhas pequenas. Uma delas nasceu nessa temporada.

O bairro dos escritores e artistas dos *Anos Loucos* foi o lugar perfeito para eu estudar na Aliança Francesa e na Academie Julian, famosa por ser a primeira a receber alunas do sexo feminino na França. Lá estudou Tarsila do

Amaral, no endereço anterior ao da *rue du Dragon*, que frequentei, desenhando naturezas mortas e nus artísticos.

Assim, fomos vivendo lisos e felizes, e fomos contratados como estudantes universitários para fazer o *buffet brésilien* de uma festa carnavalesca brasileira, como uma espécie de intercâmbio cultural onde faziam seus cursos. Assim, pudemos atravessar o canal da Mancha e conhecer a Londres que simbolizava uma grande inovação de costumes na cultura jovem.

Depois de ter atravessado Londres de norte a sul, a pé, não vimos os Beatles nem Rolling Stones. Mas conferimos as curtíssimas minissaias da *Carnaby Street* naquele clima gelado e ouvimos os inflamados discursos no *Hyde Park*, onde qualquer pessoa podia subir em uma caixa e até protestar contra a realeza britânica. É que subindo numa caixa, não estariam pisando em solo britânico: essa era a lógica daquele povo fleumático.

De volta à Paris, tive a sorte de assistir a peça e pegar autógrafo de Alain Delon diante do seu camarim, em plena *Nouvelle Vague*; conheci Paulo Freire almoçando na nossa casa; fui aluna de pintura do catalão Antonio Guansé, que conviveu com Picasso e foi criador da *Nova Figuração*. Ele pintava quadros enormes no atelier: às vezes precisavam de dois homens para transportar. Vi Sartre fazendo palestra em um ginásio lotado... Era mais do que eu podia imaginar.

No primeiro de maio de 68, ao voltar de uma aula, vi os grupos de estudantes falando baixo nas esquinas, nos becos e nos botecos do *Quartier Latin*: “o que será, que será?”. Nesse dia, “caiu a ficha”: fui sabendo dos movimentos começados pelos estudantes em Nanterre que, entre

as reformas de ensino, desejavam dormitórios mistos para moças e rapazes. Novos tempos, novos costumes menos moralistas.

Entre os sobressaltos, perdi muitas aulas, mas dava umas saídas, mesmo com medo de ser abordada, como o amigo natalense José Augusto Othon, que só por circular na área levou banho de “brucutu” e ganhou uma cicatriz histórica do cassetete de um *flic*, como os estudantes chamavam os policiais.

Eu mesma chorei muito, muitíssimo com o efeito do gás lacrimogêneo concentrado na estação de metrô. E vi muitos estudantes exibindo ferimentos cobertos com gaze para chamar atenção dos repórteres, calçamentos arrancados e carros pegando fogo junto à nossa calçada.

Fomos testemunhas oculares do maior acontecimento cultural do século 20: a civilização ocidental já sofrida com duas guerras mundiais não seria a mesma depois de 68. Eram sirenes de dúzias de carros de polícia, passeatas, palavras de ordem “*Liberez nos camarades!*” vistos da nossa janela de onde ainda víamos um pouquinho da torre Eiffel. Por sermos estrangeiros, nem sequer conduzíamos máquinas fotográficas.

Eu e Marta chegamos a ser abordadas pela polícia no dia da nossa chegada a Paris. Fomos abordadas na rua por policiais e sabíamos como era constrangedor, preferimos evitar que apagassem nossos filmes antes de revelar possíveis fotos. Até o quadro — colagem que fiz com um cartaz que colhi na rua, desapareceu com o passar do tempo e as muitas mudanças da família. O sonho acabou, tivemos que voltar logo pra Natal!

68 foi o ano das guerrilhas, o ano do assassinato de Martin Luther King. E após nossa chegada ao Brasil depois daquele tumulto, vivemos aqui o ano de chumbo. Com o AI-5 em 13 de dezembro, tivemos nossos professores e jornalistas amigos sendo presos por bobagens, torturados e mortos misteriosamente. A menina de farda branca, que viveu os dois últimos meses interna na escola que ensinava a cozinhar e cuidar de bebês, teve de aprender a abrir os olhos para o mundo.

O jornal me atraiu como um ímã

Desde pequena, via o avô Eloy escrevendo à mão os rascunhos das suas *Memórias*. Eram grandes rolos de papel-jornal, que ele me dava algumas longas tiras de dois, três metros para desenhar no terraço da sua casa.

Eu tinha dez anos quando ele morreu. Não imaginava estudar um dia na Faculdade de Jornalismo que tinha o seu nome. Nem que seria a autora de capa dessas memórias só publicadas em 1975. Em 2003, editaria uma segunda edição circunstanciada por mim e com os capítulos recebendo títulos feitos por Oswaldo Lamartine de Faria.

Meus pais compravam todos os dias: Diário de Natal, Tribuna do Norte e os jornais do sul — Diário de Notícias, Correio da Manhã e o Estadão, o preferido do meu pai. As revistas eram O Cruzeiro, Manchete, Fatos & Fotos.

Além do pai e irmão, tive tios jornalistas que não conheci, como Adriel e Pedro (*Pierre*) Lopes Cardoso. Convivi com primos como Everaldo do Cartão Amarelo e sua filha Cinthia, editora cultural da Tribuna do Norte,

a TN, e ainda a prima Nadja, professora de Jornalismo Comparado.

Quando cheguei de Paris em junho, com 18 anos, logo fui selecionada para estágio na Tribuna do Norte. E quando um dia o grupo de estagiários começou a reclamar por uma gratificação ao menos para transporte, chamaram o diretor e futuro Ministro Aluísio Alves, foga de Eloy, para falar com o grupo. E ele virou-se pra mim, que já conhecia, dizendo: “Você dessa idade já assinou matérias com chamadas na primeira página do jornal: está pensando que é fácil?”

A primeira matéria que assinei como foga de Cassiano Arruda Câmara, foi sobre quando entrevistei as três primeiras mulheres aviadoras de Natal. E o desafio maior, para quem era uma *teen*, foi entrevistar Paulo Autran, que foi generoso e me tratou muito bem. Na sua última peça de teatro em São Paulo, o encontrei e falei sobre isso — só pelo ano, ele lembrou que a peça era *O burguês fidalgo*, de Molière.

Achei importante dar o depoimento na primeira pessoa: “*Eu vi o poder jovem chorando lacrimogêneo num boulevard de Paris*”. E eu estava apenas começando a Faculdade de Jornalismo. Passei a ser vista com curiosidade: recentemente, Racine Santos me citou no seu novo romance *De susto, bala ou vício*, disse que comentavam no Grande Ponto essa minha aventura na França.

Bat Macumba na rádio dos padres

Logo em 68, recebi um convite para trabalhar na Emissora de Educação Rural — onde meu irmão havia sido diretor

e havia se mudado para Brasília para ser Secretário do Trabalho e Bem Estar Social. Acabou fundador da Cidade Satélite, que batizou Ceilândia... Trabalhei na rádio onde ele tanto atuou até o início dos anos 70, quando fui aluna de Jornalismo na Faculdade Eloy de Souza, ainda não federalizada.

O salário na rádio era pouco e as dificuldades da emissora eram enormes. Basta dizer que, um dia, recebi meu cheque-salário pela manhã e à tarde pediram para devolver, pois houve um imprevisto e não deu para pagar a todos. A prioridade eram os casados: solteira, morando com os pais e dirigindo um fusquinha era considerada privilegiada. Houve quem perguntasse se eu trabalhava por diletantismo. Isso porque eu fui à Paris...

Na Emissora Rural, fui convidada por um dos diretores, Boanerges Araújo, já falecido, para produzir um programa com ele e depois para produzir programas para os locutores apresentarem. Foi aí que recebi a proposta de Dailor Varela e Marcos Silva, agitadores culturais para apresentar com eles o Música e Diálogo.

Como o nome já dizia, fazíamos entrevistas, dávamos informações e lançávamos o Tropicalismo e muito rock. Um programa considerado muito ousado, ligado a escritores como Moacyr Cirne, músicos como Márcio Tassino e a mobilizadora dos festivais e exposições do SESC Cosma “Cós mica”.

Ainda poetas processo como Anchieta Fernandes, artistas como Falves, que fez uma exposição de arte erótica no cabaré Francesinha, na apelidada Ribeira profunda (e meus pais não deixaram ir), músicos como Mirabeaux

Dantas e Odaíres e sua irmã Terezinha de Jesus que, de tanto hospedar músicos, transformaram a praia do Meio na Praia dos Artistas, que depois teve a Galeria de Arte a céu aberto de Eduardo Alexandre Garcia (o Dunga, nada a ver com o jornalista).

A turma do teatro como Carlos e Selma Furtado, Franklin Capistrano e sua mulher atriz Socorro. Não gosto de citações porque sempre são injustas, mas lembro Iaperi Araújo e seus irmãos artistas plásticos importantes Iaponi, Irani e Iramar.

Os mais novos foram Jota Medeiros e Carlos Gurgel — Filho de Deífilo, sobrinho de Tarcísio, escritores — fantasiado de *Batman* numa solenidade de literatos, foi bom demais. E o Papa Inácio, o pintor Jomar Jackson, circulavam nas livrarias e informavam com humor os últimos lançamentos.

A abertura do programa era com o *Bat Macumba* dos Mutantes e a voz gasguita-rouca de Janis Joplin cantando *Cheap Thrills* — que acabo de descobrir no Google o seu significado: algo que seja emocionante, mas que não traga uma verdadeira satisfação/alegria.

Ao nosso favor na rádio, só tinha para valer Alderico Leandro, que fazia sons mirabolantes na mesa de controle, além de criar filmes experimentais. A turma do Cineclube Tirol fazia sessões matinais aos domingos, no Cine Rio Grande, nosso vizinho da rádio. E Carlitos Meireles chegou a levar discos importados ainda inéditos no Brasil dos Beatles para lançar no programa.

A Galeria de Arte Vila Flor, de Lúcia (atriz de *Rio quatro vezes Favela*, marco do Cinema Novo em 62) com

Augusto Severo Neto, falando francês; O trio de apresentadores do Música e Diálogo escrevia em jornais, participava de exposições de artes plásticas (eu mesma participei de exposição em Recife) ou fazia *happenings* em festivais de música e levava os malucos para entrevistas — no tempo em que os discos tinham suas faixas censuradas, riscadas com ponta de tesouras ou com fitas adesivas, que danificava-os, impedindo a reprodução para sempre.

E levávamos grupos teatrais, como um que veio de fora e a entrevistada sentou no colo do rapaz e botou um sapato com o salto quebrado em cima da mesa, provocadores. Mesmo não sendo postado em redes sociais como atualmente, isso provocou “gelo” dos integrantes que colocavam aquele pandemônio no ar.

Pra nós, isso lembrava o protesto de Caetano no festival de música, que ecoava sempre naquela minúscula cabine: “Me dê um beijo, meu amor... lá fora estão nos esperando... Os automóveis ardem em chamas! É proibido proibiiiiiiiiiiii!”

De repente, os dois colegas Dailor e Marcos Silva se mandaram para São Paulo... Fiquei fazendo o programa só por alguns meses, mas logo apareceu um tal Vicente Serejo, assíduo ouvinte que eu só conhecia de raros contatos.

Ele estudava no Ateneu e não perdia o programa, mas quando não gostava, mandava cartas contestando. Eu respondia com provocações, até que chamei para discutir ao vivo. E disse “venha aqui ver se é fácil. Sugira!”

Nessas idas à rádio, entramos em sintonia fina. Ele foi convidado pela direção para participar de um encontro da emissora dando suas ideias, e foi convidado a trabalhar lá.

Juntos, fizemos o programa *Sui Generis*, de uma hora diária. Também tinha música e entrevista, mas com outro viés.

Com nosso gravadorzinho de pilha, chegamos a entrevistar Zé Celso Martinez Correia — que começou dando um murro na mesa e gritando: “E meta isso na cabeça: o pobre é quem trabalha!” Ao encerrar, mandou um recado para o padre Otto, irmão de D. Eugênio Sales e diretor da rádio: “*Power to the people, padre Otto!*”

Vicente ligado na MPB, acabou sendo o primeiro professor de História da Música Popular Brasileira na UFRN. Nessa cadeira, com experiência na rádio e no jornal, entrevistou logo grandes nomes que continuaram fazendo a nossa pauta preferida no Diário de Natal: Roberto Carlos, Luiz Gonzaga, Gilberto Gil, Vinícius de Moraes... e tantos grandes artistas. Além deles, Câmara Cascudo gostando de receber os jovens como um velho mestre, faziam valer a pena trabalhar com qualquer salário.

E produzíamos muitos programas diários e semanais — incluindo o primeiro programa feito em Natal sobre Turismo, apresentado por Públio José, quando esse tema era chamado de “*indústria sem chaminés*”.

Somos jornalistas, sim senhor

Na Faculdade de Jornalismo, passei no concurso para a Assessoria de Relações Públicas e Imprensa da Ancar, que depois virou Emater-RN. Cheguei a fazer Guia turístico para encontro de técnicos de outros estados, Calendário de parede que as famílias rurais gostavam, folhetos de cordel que eram lidos no rádio em Mossoró.

E Vicente passou no teste de seleção do Diário de Natal. Eu fiquei em segundo lugar, mas havia uma só vaga para Reportagem Geral. Resolvemos casar e, logo nos primeiros meses, o salário da Emater atrasou quatro. Como não tínhamos filhos, em vez de viajar para o exterior, viajávamos para o interior, de carro (sem diárias remuneradas), fazendo entrevistas com artistas populares.

Publicávamos textos no suplemento *Módulo III*, do *Poti*. Há cinquenta anos, a gente se provoca e não larga a mão! Jornais fecham, jornais abrem e Vicente também não larga a sua *Cena Urbana*, que teve início em uma cena vista no carnaval de Olinda.

Depois, chegaram as meninas, e mesmo com toda a luta de trabalho, febre de criança de madrugada, ainda subíamos e descíamos ladeiras frevando na Bandagália...

Inspirada em Asterix e Obelix, nossa comadre gaulesa e poetisa Diva Cunha e seus amigos loucos saíam nas ruas no réveillon, carnaval e sábados de Aleluia, com um imenso Tamanduá, procurando o prefeito que tinha o sobrenome Formiga.

Até Ivan Lins e Tim Maia gravaram “avise ao formigueiro, vem aí tamanduá”. Faixas de tecido pintadas para o desfile com os *Três Reis Maias* – faziam alusão aos políticos governantes. E viravam notícias.

No meio do preconceito de alguns intelectuais mais antigos implicando com abertura *gay*, o mestre Câmara Cascudo foi homenageado na frente do seu casarão: abriu as janelas, os braços e consagrou a banda, que distribuía ironia pelos lugares mais surpreendentes. A Banda marcou

muita pauta de jornal, gozando as práticas políticas ultrapassadas, na esperança de ver a vida melhorar.

Eu enveredei para o lado da Cultura. Recebi convite para presidir o Conselho Municipal de Cultura nas gestões de Agripino Maia, e alguns anos depois na de Wilma Faria e Aldo Tinoco. Com Wilma, em quatro anos, tive a honra de construir e inaugurar em 29 de dezembro de 1992 a Capitania das Artes, proposta pelo conselheiro-arquiteto João Maurício Miranda. A professora Wilma acreditou nesse projeto de um centro cultural para o município em um sítio histórico — antigo palácio do governo e depois Capitania dos Portos — que preserva sua fachada até hoje.

Com Aldo, presidi durante os quatro anos da sua gestão, quando tivemos muito trabalho e muitos eventos gratificantes, com nomes da terra e nacionais, escola de balé com quase 500 alunas e coordenando o Teatro Sandoval Wanderley, no Alecrim, atualmente fechado. Nesse período, também foi instituída a lei de incentivo à cultura, hoje chamada Djalma Maranhão, que deu trabalho com protestos e suas reuniões abertas aos proponentes. Era a *Rouanet* natalense.

Inauguramos a Capitania com uma exposição de artistas espanhóis, portugueses e natalenses, do projeto *CumpliCidades*, ao som da Banda Sinfônica Municipal. Emocionante festa cosmopolitana! Em seguida, tivemos um nome nacional, Antonio Peticov, e o espaço disparou com exposições, como a internacional com inventos de Da Vinci, a incrível expo itinerante paulista de homenagem à Lina Bo Bardi, a expo da turma de Direitos Humanos que trouxe a D. Lúcia, mãe de Glauber Rocha, assistindo

ao Coral dos Sem Terra — foi emocionante demais. Camponeses cantando com o cineasta Bigode filmando *For All e Zé* do Caixão fazendo visita e, por coincidência, sendo homenageado por aranhas caranguejeiras que fugiam de uma limpeza nos jardins — e ele adorou!

Um lançamento coletivo de doze escritores promovido pela UFRN, onde Rachel de Queiroz ofuscou todo mundo — os próprios escritores queriam seu autógrafa... Luiz Melodia e seu bom humor, Amir Haddad, Fernando Moraes, lançando *Chateau*...

O escritor francês Didier Lamaison, tradutor de *E agora, José?* para a Gallimard fazendo palestra. A escritora grega Lia Karavia falando sobre os mitos da sua terra... as grandes exposições natalenses como a de retrospectiva *Navarro, Navarrear*, com 120 obras, cenografia, palestras em homenagem a Newton Navarro recentemente falecido....

A *Feirart*, de artes e antiguidades que teve início na Capitania, deu o mote para a *Fiart*, feira internacional no Centro de Convenções, que resiste até hoje.

O artista plástico das instalações gigantes, Guaraci Gabriel, começou dando trabalho querendo fazer um protesto tirando a roupa, enquanto a prefeita fazia o discurso de inauguração da Capitania. Mas conseguiram acalmá-lo.

Ficou fazendo suas exposições anuais na Capitania. Na primeira delas, posou nu sobre uma geladeira velha, sentado fazendo de conta que era um pinguim — na porta de entrada em um dia de domingo. Tudo foi muito rápido, apenas surpreendendo os que passam de ônibus e não entendiam o que estava acontecendo.

Espaçoso, ele chegou a fazer suas exposições em Paris e Viena, assim como a sua parceira artística Sayonara Pinheiro. Instigantes, grandes artistas natalenses.

A prefeita Wilma tanto aprovou esse nosso trabalho iniciado na sua gestão, que, no final do século, aceitou imediatamente nossa proposta de criar, coordenar e também escrever o livro comemorativo do quarto centenário da cidade: *400 Nomes de Natal*, com os escritores Deífilo Gurgel, Jardelino Lucena, Manoel Onofre Jr. e Nelson Patriota.

Foram destinadas 80 biografias para cada escritor participante escrever e eles mesmos listaram 1.220 nomes para selecionar 400 personagens “a cara de Natal”. Foram dois meses listando nomes das mais variadas áreas de atuação e não se atendo a heróis e governantes.

Nomes polêmicos como o de *Maria Boa*, Maria de Oliveira Barros, que acaba de fazer centenário, acabaram sendo acatados depois de muita discussão por ser uma dama do cabaré, que foi até homenageada como nome de avião americano na Segunda Guerra.

Teve a biografia escrita com muito respeito pelo folclorista Deífilo Gurgel. Pessoas vivas não participaram dessa homenagem. Esgotadíssimo, esse livro de 800 páginas lançado no ano 2000 é muito consultado nas escolas e redações de jornais, citado nas bibliografias.

Começaria tudo outro vez

O jornalismo, para mim, ficou meio enviesado, mas sempre pendendo para o lado cultural. Fizemos duas séries das *Leituras Potiguares* para a Secretaria Estadual de Educação. Cada série tinha doze fascículos coordenados por mim,

sendo que participei de dois deles com Serejo: um *Cascudo por ele mesmo* e outro sobre *Costumes Locais*.

E em um terceiro, sobre os sertões, fui parceira de nada menos que Oswaldo Lamartine. Oswaldo era então considerado o maior escritor vivo do RN. E era comovente a sua simplicidade e a maneira de interagir nesse e noutros dele que cheguei a participar. Basta dizer que convidou nossa filha Sylvia, também jornalista, para ser sua revisora.

Quero registrar que a nossa segunda filha Odyle, hoje Defensora Pública em Natal, desde menina era uma boa leitora e, ainda na faculdade (após dar uma aula sobre *Dom Casmurro*), foi selecionada pela UFRN para dar aulas de Literatura no pré-vestibular, concorrendo com alunos de Letras. Ela não é jornalista, mas os pais jornalistas nunca conseguem dar a ela uma notícia em primeira mão. Está sempre sintonizada com os assuntos. As nossas filhas sabem ler, votar e viajar.

Vale registrar que, em 2018, tivemos a oportunidade de voltar à Paris para ver de perto as comemorações de Maio de 68 e trazer uma coleção de livros para expor no lançamento do livro *A República Potiguar de Montparnasse*, organizado por Assis Câmara, que também morou com sua família no 20, *Bd de Montparnasse*. Lançado com música e exposição de panfletos e livros.

No ano seguinte, 2019, voltamos à Paris, onde no dia da nossa chegada assistimos os agitos do incêndio da *Notre-Dame*: e tive a satisfação de ver a publicação diária na *Cena Urbana*, enviada do outro lado do Atlântico. A coluna também continuou feita em Lisboa na comemoração do aniversário de 35 anos do 25 de Abril, onde, aos 70 anos,

subi em um tanque de guerra com um cravo vermelho na mão. Era emocionante ver a alegria do povo na Praça da Liberdade.

Publicar no *Instagram* me atrai porque me deixa conectada e dá um *feedback* que não havia quando escrevi durante sete anos em uma página — a imprevisível coluna *Sexta-Feira* (depois virou *Sábado*) no jornal semanal *Dois Pontos*. Ninguém falava ainda “SEXTOU!”

O melhor *feedback* que tive no *Dois Pontos* foi de um leitor muito especial, na entrevista que fiz com o empresário de artistas e poeta camaleônico Chico Miséria, seu amigo e xará Chico Buarque deu boas risadas ao saber que ele andou fazendo *bundalelé* na janela do carro pelo interior potiguar... *quem via fazia comentários sobre esse sujeito tão feio.*

No meio dessa quarentena, estou vivendo momentos que nem consigo descrever, ao fazer a segunda edição do livro sobre o artista plástico Erasmo Xavier — o primeiro modernista nas artes plásticas nos anos 20 em Natal. A primeira edição do *Elogio do Delírio*, saiu em 1989 com 180 páginas, e agora, a caminho do centenário da *Semana de 22*, a nova edição deverá ter umas 365.

Agora, nesse mundo virado, fico chocada com quem deixa de acreditar em jornalistas para acreditar em *Fake News*. Como em toda profissão, existem as dificuldades, mas temos orgulho de ter no nosso país nomes como Alberto Dines que soube honrar até o fim o papel do jornal. O que ele não diria dessa mediocridade no seu *Observatório da Imprensa*?

A caminho dos 72 anos, acho que o Jornalismo tem muitas possibilidades. Gosto muito dos veículos impressos

e gosto de ler grifando o texto. E o que mais gostava era conhecer os artistas que mais admiro, dos mais simples que transformam e dão vida ao barro, aos que fazem coisas que nunca imaginamos. E eles, agora, às vezes ficam assim banais, jogando conversa fora nas redes sociais. A cultura está numa crise como nunca.

Gosto de ver as novas jornalistas se destacando cada vez mais na mídia.... Nem precisavam ser tão bonitas! E acho que o mundo inteiro é que é o nosso lar. Embora andem afirmando por aí que a terra é plana, me choco quando vejo que tem quem deixe de acreditar nos jornalistas para seguir esses tontos medievais.

Agradeço a vocês essa provocação de ativar a memória. É muito bom sair por aí à fora e ter o que contar para os netos. Tomara que surjam novos jornalistas na família. Como diziam os velhos foliões: “nós sofre, mas nós goza!”

Josimey Costa

Meu nome é Josimey Costa da Silva, mas, no jornalismo, logo passei a assinar como Josimey Costa, sugestão do meu primeiro chefe de redação. Nasci em Guarulhos, São Paulo, no ano de 1961, filha de mãe natalense e pai pernambucano.

A família toda (meus pais, minha irmã mais nova, minha avó materna e eu) veio morar em Natal em 1968, cidade em que fiz meus estudos até a graduação e mestrado, onde me casei e tive dois filhos. Foi nessa cidade também que tive toda a minha atuação profissional em diversas áreas, todas dentro do campo da Comunicação Social.

Fiz vestibular em 1979 e entrei na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1980 na minha primeira opção de curso: Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo. Minha entrada na universidade pública tem uma história curiosa: eu vinha de um colégio Marista, que fazia uma boa preparação para o vestibular, o que resultava em muitos primeiros lugares nos cursos de nível superior entre os egressos do colégio. Eu fui um deles, mas quase o mais divulgado de todos, excetuando o primeiro lugar geral do vestibular.

Isso porque um jornalista da rádio Cabugi, que era vinculada ao grupo de empresas da família Alves, também proprietária do jornal Tribuna do Norte, resolveu entrevi-

tar justamente o primeiro lugar do Curso de Comunicação Social. O jornalista era José Ayrton de Lima, que todo mundo chamava Risadinha.

Ele passou o dia inteiro me procurando, porque tomou a lista com o resultado do vestibular das mãos de alguém da Comperve e, então, viu meu nome. Eu estava tranquilamente em Ponta Negra, que naquela época era um pouco longe, uma praia de veraneio.

Não havia telefone móvel na época, e meus pais, que me incentivaram a estudar, estavam enlouquecidos para que eu voltasse e soubesse da notícia. Quando, enfim, voltei para casa, ele me entrevistou para a rádio e eu também dei uma entrevista para o jornal. E virei uma celebridade por 24 horas.

Essa visibilidade toda me rendeu frutos: o jornalista Edilson Braga, secretário de redação da Tribuna do Norte à época, decidiu que seria interessante convidar o primeiro lugar da habilitação de Jornalismo para fazer um estágio na Tribuna do Norte. E assim eu comecei a prática: trabalhando na revisão com o hoje jornalista e doutor em Ciências Sociais Jóis Alberto.

Pouco tempo depois, eu iria para a redação trabalhar como repórter. O editor era Woden Madruga e os chefes de redação eram Manoel Barbosa e, quando eu já era repórter efetiva do jornal, Emanuel Barreto.

Tinha, como colegas de redação na Tribuna do Norte, Rossana Sudário, Graça Pinto, Ubiratan Camilo, Ivanísio Ramos, Wallace Barbosa, Emerson Amaral, Sônia Padilha, Airton Bulhoes, Carlos Moraes, Heloísa Galvao, Dodora

Guedes, Moacir Oliveira, Rosemilton Silva e tantos outros...

Mais tarde, em outras redações, trabalhei também com os jornalistas Carlos Peixoto, Vânia Marinho, Angela Almeida, Ciro Pedroza, Jaqueline Cordeiro, Bernadete Lago, Anelly Medeiros, Ana Luiza Câmara, Lúcia Matias, Carla Rodeiro e muitos mais.

Eu comecei o trabalho como repórter utilizando blocos de notas, caneta e, na redação, máquina de escrever mecânica, errando, rabiscando e escrevendo por cima, recortando e colando trechos inteiros refeitos; as notícias nacionais e internacionais chegavam por telex; as fotos eram feitas em películas, reveladas, fixadas e secadas na própria redação.

O arquivo do jornal era importantíssimo e tinha um sistema biblioteconômico de classificação de fotos e temas. Dava um trabalho enorme buscar algo ali. A diagramação era feita a mão e com canetas e réguas, resultado de muitos cálculos. O barulho nas redações era absolutamente infernal.

Eu tinha escolhido jornalismo porque gostava de ler e escrever. Então, iniciei o curso em março, depois de principiar meu estágio no jornal diário, o que aconteceu em fevereiro. Trabalhei durante os quatro anos de duração do curso, o que me fez elaborar trabalhos acadêmicos de madrugada, incluindo minha monografia final, orientada por Andrea Guaraciaba.

O tema do trabalho foi *O Humor como Prática Jornalística*, um estudo de caso sobre o cartum Cartão Amarelo, que era publicado no Diário de Natal à época, com texto

de Everaldo Lopes Cardoso e desenho de Edmar Viana. E, na ocasião, entrevistei Henfil duas vezes: para o jornal em que eu trabalhava e para a minha monografia. Um luxo.

O curso de Comunicação Social/Jornalismo foi muito importante para a minha carreira e futuros desdobramentos profissionais. Lembro que tínhamos poucos professores de teoria (a minha orientadora, Otêmia Porpino, e Carlos Augusto Viveiros), porque a ênfase era nas técnicas da comunicação e, por isso, muitos professores eram do mercado: Marcelo Fernandes, Rogério Cadengue, Woden Madruga, Aderson França, Ricardo Rosado, Cassiano Arruda, Maurício Pandolphi eram alguns deles. Tínhamos uma panorâmica das atividades profissionais da área: Publicidade, Fotografia, Diagramação, Redação, Cinema.

Nossa turma gerou muitos dos jornalistas que atuaram no mercado local, como João Bezerra de Medeiros (meu ex-marido e companheiro de trajetória por 21 anos, hoje um grande amigo), Sonia Padilha, Tácito Costa, Nelson Patriota, Adriano de Sousa, Carlão de Souza, Aglair Abreu, Selma Barbosa, Conceição Silva, Graciema Carneiro..., e outros que se destacaram em outras áreas, como Fernando Fernandes, Paulo Laguardia, Marize Castro.

No curso de graduação da UFRN, eu descobri a semiótica, que mais tarde viria a ser uma área de estudos acadêmicos em minha trajetória de pesquisadora científica. Também me encantei com os estudos teóricos e com o trabalho com a imagem.

E para além da produção da imagem, comecei a vislumbrar as estruturas de representação e a análise da imagem com livros, como, por exemplo, “A mulher de papel: a

representação da mulher na imprensa feminina brasileira”, de Dulcília Buitoni, que me impressionou muito, ou “Apocalípticos e integrados”, de Humberto Eco, inesquecível. Também ficaram para sempre na memória os curtas de Norman McLaren exibidos em sessões do Cineclube Tirol, organizadas por Iraê Caldas.

O curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFRN, na época, tinha bons e maus professores, mas eu me sentia preparada para atuar no mercado com a formação que recebi aliada ao estágio contínuo durante todo o curso. O mercado me acolheu, nunca me deixou de fora, mas o jornalismo idealizado da universidade não era a realidade que eu encontrei no exercício da profissão.

Os interesses do poder econômico, as interferências políticas e pessoais, o amadorismo empresarial, tudo isso me fez entender que o jornalismo de mercado raramente defende os interesses públicos. Essa constatação me fez escrever um conto na tentativa de expurgar um pouco o desencanto, a desilusão: “Escritura lavrada em pauta e alinhavos de fé”, publicado na coletânea *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*.”

Depois de três anos como repórter da Tribuna do Norte, trabalhei na mesma função para a rádio Trairi (depois Tropical e hoje CBN) e também para a TV Universitária e a revista RN Econômico, onde depois eu seria editora. Fiz alguns *free lances* para a Revista Isto É, também fui editora de telejornais locais da TV Cabugi, hoje InterTV e da TV Potengi, hoje Band.

Fui produtora jornalística na TV Tropical (hoje Record) e redatora, apresentadora e diretora de programas

jornalísticos e de debates na TV Universitária do Rio Grande do Norte. Dirigi essa emissora em duas ocasiões: a primeira, de 1991 a 1995, e a segunda, como Superintendente de Comunicação da UFRN, de 2007 a 2011.

Desde 1994, eu tinha deixado o mercado para dedicar-me à docência e à investigação científica no campo da Comunicação Social pela UFRN. Sair do mercado foi uma decisão pensada e um resultado muito desejado por mim porque eu queria estar onde se pensava a prática profissional, onde se produzia o conhecimento para os que praticavam o jornalismo, o radialismo e a publicidade.

Eu queria entender nossa sociedade e nossa cultura a partir dessas práticas, fossem profissionais ou não. Contribuiu muito para isso o fato de que eu gostava mesmo era de escrever para o segundo caderno, o de cultura; o factual só me interessou no início da minha carreira.

Acredito que ter trabalhado por cerca de dez anos no mercado jornalístico e ocupado tantas funções diferentes me ajudaram a ter uma visão abrangente do campo. As memórias do exercício profissional, algumas com um forte impacto afetivo, são uma importante referência para o que fiz e pesquisei como docente.

Eu me recordo de fazer uma reportagem grande sobre a seca, a mortandade do gado e os retirantes do sertão do Rio Grande do Norte, minha primeira matéria assinada e que recebeu manchete de primeira página e página dupla na Tribuna do Norte.

Nunca pude esquecer aquelas imagens nem o cheiro dos animais mortos. Assim como não esqueci as reportagens que me neguei a fazer por explorarem a dor das pes-

soas, pelo apelo sensacionalista inócuo que teriam. Outras, eram fatos impossíveis de não noticiar, como a Tragédia do Baldo, em que um ônibus atropelou e matou dezenas de foliões do Bloco Puxa-Saco no dia 25 de fevereiro de 1984.

Só que nem tudo eram notícias ruins: gostei muito de fazer matérias sobre encontros de parteiras, de prostitutas e de entrevistar sozinha Chico Buarque no aeroporto de Natal. Eu era a única jornalista esperando esse grande cantor que vinha para se apresentar em um *show* na cidade.

Apesar das grandes recordações, nunca ganhei muito dinheiro como jornalista de jornal ou rádio. As televisões privadas pagavam um pouco melhor, mas não tanto. E os horários de trabalho sempre foram exaustivos, sempre mais do que o que constava no contrato de trabalho, ainda mais com veículos de radiodifusão e seus plantões de final de semana e feriados.

A precariedade das condições de trabalho me fez buscar formas de lutar pela categoria. Assim, junto com integrantes da chapa Arraia Miúda, presidida por Rogério Cadengue, fiz parte da diretoria do Sindicato dos Jornalistas do RN na década de 1980.

Tenho alguns motivos de orgulho do meu trabalho na televisão do Rio Grande do Norte. Por exemplo, por ter editado os dois principais telejornais diários em suas épocas na TV Cabugi e na TV Potengi; por ter produzido, co-redigido e apresentado o programa *Leitura Dinâmica*, que tratava de literatura na TV Universitária com o jornalista, escritor e também professor universitário Tarcísio Gurgel; por ter criado o programa *Grandes Temas*, que ainda sobrevive na mesma TVU; por ter pensado, junto

com a equipe de produtores da emissora, o programa Olhar Independente, que dá visibilidade à produção audiovisual local; por ter participado da equipe do Videobox, junto com professores, técnicos e estudantes da UFRN, pesquisando os limites da televisão digital.

Num olhar retrospectivo, vejo que, como mulher jornalista, rompi alguns paradigmas que diziam respeito aos cargos de chefia na profissão. Poucas mulheres ocupavam esses cargos entre as décadas de 1980 e 1990.

Lamento muito essa expressão da desigualdade de gênero no campo profissional, mas também me orgulho de ter sido a primeira, senão a única, editora de uma revista de economia na época, a RN Econômico; de ter sido a primeira mulher a dirigir uma emissora de televisão em Natal; de ter ocupado cargos diretivos em associações nacionais de televisão educativa e de ter sido uma das representantes do Rio Grande do Norte na Conferência Nacional de Comunicação em 2009.

Entendo que o jornalismo é uma atividade essencial para sociedades complexas e que tem uma importante função para a coesão social e a denúncia, prevenção e busca de soluções para os males que nos acometem coletivamente. Embora, por isso mesmo, possa ser manipulado em benefício de poucos, o que infelizmente acontece com muita regularidade. Por isso é tão importante uma formação humanística superior, pois, sem ela, sem a aquisição de um conhecimento mais profundo sobre a sociedade e a própria condição humana, a prática jornalística pode se desvirtuar com muito mais facilidade.

O mal que resulta de uma prática antiética pode ser gigantesco e persistente. Hoje, quando qualquer pessoa pode criar fatos sem base factual e com a circulação de tantas *fakes news*, estamos nos deparando com muitas consequências nefastas. Isso é cada vez mais evidente para quem se preocupa em analisar a conjuntura e entrever o futuro possível para a humanidade.

A mim, pessoalmente, o estudo e o exercício do jornalismo permitiu a ampliação da minha visão de mundo e o desenvolvimento de muitas potencialidades em várias direções, como, por exemplo, a investigação racional metódica própria do método científico e a prática e melhoria da escrita, abrindo o caminho para outros gêneros que não o jornalístico.

Proporcionou também estabelecer relações com setores da sociedade que, de outro modo, eu não acessaria. Além disso, influenciou os direcionamentos profissionais das gerações seguintes na minha família, ou seja: mexeu comigo, meu entorno e meu legado. Por isso, posso dizer que jornalismo é possibilidade. Qualquer possibilidade no âmbito humano, no entanto, só se realiza como tal por meio de uma apurada sensibilidade. Sem ela, nenhum jornalismo de verdade é sequer possível.

Marize Castro

Quando fui fazer vestibular, fiquei indecisa entre Jornalismo e Letras. Na minha adolescência, eu estava sempre debruçada sobre livros, jornais e revistas; sempre lendo, sempre escrevendo. Até que chegou o momento de minha decisão profissional e optei por Jornalismo.

Não optei por Letras pelo seguinte motivo: minha cabeça juvenil intuiu — eu tinha 17 anos — que o curso de Letras poderia tolher minha criatividade na escrita literária, muita teoria literária não me interessava, minhas leituras eram (ainda são) meu alimento, eu mesma queria escolher quais autores me alimentariam.

Não sei se foi um acerto, mas, certamente, não foi um erro, pois não me arrependo de ter feito Jornalismo. Entrei no curso no início dos anos 1980, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte era bem diferente desta UFRN pensante e pulsante em que vivemos hoje.

É importante ressaltar que estávamos ainda na ditadura militar e as referências bibliográficas que nos eram indicadas pela maioria dos professores eram muito conservadoras, muitas delas de um teor reacionário inimaginável. Às vezes era bem frustrante, e eu me rebelava e me refugiava nas minhas leituras (que iam de Marcuse e *Dostoiévski* a Simone Weil, Virginia Woolf e Ana Cristina Cesar).

Eu assinava alguns poucos jornais da chamada imprensa “nanica” ou “alternativa”, e me deleitava com os textos insubmissos e irreverentes, era como sentir no rosto um vento forte que me fazia muito bem e me ajudava a enxergar melhor a realidade do mundo e suas desigualdades. Um desses jornais chamava-se *Movimento*, dirigido pelo jornalista Raimundo Pereira. Esse jornal atuava na luta pelas liberdades democráticas, na denúncia do imperialismo e em questões sociais como os direitos da mulher e do trabalhador.

Algumas matérias do *Le Monde*, o jornal francês, também eram publicadas nele, então dava para se ter uma ideia do que estava se passando fora do Brasil. Lembro que a principal campanha do *Movimento* foi pela anistia aos exilados e presos políticos.

Logo que eu entrei no curso, tornei-me bolsista da TV Universitária. Lá, conheci vários profissionais que estavam despontando no jornalismo potiguar, lembro da generosidade de alguns deles. Cito o jornalista Rogério Cadengue, que sempre me tratou com respeito e carinho. Foi uma época de muito aprendizado, na qual me especializei no chamado jornalismo cultural.

Conheci e entrevistei nomes como Oscar Niemeyer, Décio Pignatari e João Cabral de Melo Neto, referências na arte e na cultura do Brasil. Também tive a oportunidade de entrevistar artistas e escritores norte-rio-grandenses que, à época, eram muito reconhecidos, como Luís Carlos Guimarães, Newton Navarro e Oriano de Almeida.

Quando me graduei, no ano de 1983, e deixei de ser bolsista, fui contratada pela UFRN como jornalista. Como

a função tem a carga horária reduzida, são 25 horas semanais, pude fazer outros trabalhos no jornalismo cultural, assinei colunas na Tribuna do Norte e no extinto O Poti, editei o suplemento cultural do também extinto Jornal de Natal, quando tive a alegria de encontrar e trabalhar com o jornalista Paulo Augusto, uma pessoa visceral, lúdica e generosa, autor de um texto original e instigante, dono de um talento singular.

Fui também editora-fundadora do jornal cultural O Galo, publicado pela Fundação José Augusto, à época presidida pelo jornalista Woden Madruga. Ressalto que sem a percepção visionária de Woden, esse jornal não existiria. O Galo circulou, durante os anos 1980 e início dos anos 1990, pelo Brasil e pelo exterior, com colaborações de nomes como Haroldo de Campos e Jommard Muniz de Brito.

A proposta de O Galo era romper com as fronteiras entre o que é local e o que é universal. Recebemos prêmios significativos por esse trabalho, um deles foi o de Incentivo à Cultura, da União Brasileira de Escritores, recebido no final dos anos 1980 na Academia Brasileira de Letras. Observo ainda que O Galo, no Rio Grande do Norte, e Nicolau, no Paraná, eram os dois jornais culturais “alternativos” mais badalados e lidos naquela época no país.

Outro trabalho que destaco na minha trajetória profissional foi o projeto de jornalismo literário, denominado *Além do Nome*, realizado no ano de 2001, no jornal Tribuna do Norte, quando entrevistei dezenas de escritores potiguares e uni o texto jornalístico à literatura.

O *Além do Nome* era publicado aos domingos numa página inteira no Caderno Viver, editado, à época, com muita

competência por Cinthia Lopes. Esse projeto resultou em um livro homônimo, publicado no ano de 2008.

Na apresentação do livro, intitulada de *Jornalismo Solar*, Woden Madruga escreveu no primeiro parágrafo: “Marize Castro reúne neste livro três dezenas de entrevistas que andou fazendo com poetas, escritores, cronistas, jornalista, artistas plásticos, dramaturgos, todos seduzidos pela arte de escrever. ‘Todos sangrando pelo mesmo lugar: a literatura’, como ela mesma gravou no rodapé desse mural-plural que foi desdobrado, aos domingos, nas páginas do jornal Tribuna do Norte, no decorrer o ano de 2001. Abriu-se nesse período um dos momentos mais ricos do jornalismo cultural de Natal, um ofício que Marize sabe exercer com maestria, provado com sobra quando dirigiu O Galo, da Fundação José Augusto, que foi ao tempo de sua existência um dos jornais culturais mais importantes deste país”.

Essas palavras e toda a apresentação de Woden ratificaram a mim mesma que o meu percurso no jornalismo cultural do Rio Grande do Norte já havia deixado uma marca positiva para a história do jornalismo norte-riograndense.

Sou consciente das ocorrências e das possibilidades de assédio e discriminação enfrentadas pela mulher no ambiente de trabalho, mas nunca me senti assediada ou discriminada ao exercer minha profissão. Talvez eu tenha tido a sorte de encontrar “almas feministas” pelo caminho, além de nunca ter permitido situações potencialmente ambíguas ficarem sem esclarecimentos.

O jornalismo tem um lugar especial em minha vida. Através dele, vivi experiências que me fizeram perceber os fatos além do que o visível permitia. Ser jornalista, para mim, é o profissional que jamais pode esquecer o seu compromisso com a ética. Se a ética for esquecida, o jornalista morre, restando o oportunismo e a manipulação.

A quem quiser ser jornalista por prestígio social e muito dinheiro, eu diria para esquecer, pois se tornará um oportunista e manipulador de fatos. Penso que a sociedade já está saturada desses desacertos causados pela ganância humana.

Escrevi certa vez que o jornalismo tem asas, e deve voar, mesmo com turbulência, para céus límpidos. Escrevi ainda que acredito num jornalismo solar, lugar de coisa sagrada. Onde tudo se transfigura. Do mais simples ao mais sofisticado texto.

Continuo acreditando nessa possibilidade.

Anelly Medeiros

Nunca diga nunca. Na minha trajetória como jornalista no Rio Grande do Norte, esse foi o lema que norteou o meu caminho nas redações e nas assessorias potiguares. Eu nunca me imaginei na frente das câmeras, pelo contrário, queria trabalhar na redação, longe dos holofotes.

Eu venho de uma família onde meu avô João Félix, pai da minha mãe, minha maior incentivadora, era apaixonado pelo jornalismo. Antenado com os fatos do momento, ele reunia na frente de casa os amigos para discutir os assuntos que envolviam a política no país. A decisão de escolher o curso foi uma coisa natural. Sempre gostei de contar e vivenciar as histórias. Jornalismo era o caminho.

Mas escolher o que fazer aos 17 anos não é uma tarefa fácil. Fiz vestibular para Comunicação Social — Habilitação em jornalismo na UFRN e para economia na UNP em 1989. Passei nos dois: economia no primeiro semestre e jornalismo noturno no segundo. Descobri logo nos primeiros meses que não levava jeito para economista, tranquei e me joguei no jornalismo.

A minha turma era *pra lá* de antenada, e animada também. Estudei com Virgínia Coelli, Eliana Lima, Alexandre Mulatinho, Wellington Cruz, Divani, Miriam Neri (Miriinha), Tiana Costa, Nelly Carlos, Carlos Magno, Valéria

Credídio, Juliano Freire, Rodrigues Neto, Marcos Bezerra, Andrea Mota, Andrea Mousinho, entre outros colegas.

Conheci também grandes professores, como Rogério Cadengue, Ricardo Rosado, Cassiano Arruda, Albimar Furtado, Edilson Braga, Graça Pinto, Otêmia Porpino, Miriam Moema, Vicente Serejo e tantos outros que foram fundamentais no meu processo de formação profissional.

Foi o querido professor Albimar Furtado quem me indicou para Antônio Melo, que estava dirigindo a TV Bandeirante na década de 90. Um grande jornalista que abriu caminhos e os meus olhos para o que eu realmente queria: ser repórter. Mergulhei nesse estágio com unhas e dentes.

Apreendi com Carlos Peixoto, que me deu apoio nesse início nada fácil, Josimey Costa, Sônia Padilha, Rosemilton Silva, Jaqueline Cordeiro, Silvana Grace, entre tantos outros bons jornalistas que passaram pela emissora.

Na época, havia uma grande rivalidade entre a Bandeirantes e a TV Cabugi. Mais por parte da Band, que tinha a meta de ultrapassar a afiliada da Rede Globo/Natal. Vários bons jornalistas apostaram e saíram das melhores redações para formar o time organizado por Antônio Melo. Uma das promessas era de não ter estagiário. Foi a primeira e, lógico, rejeitada de cara. Passada a fase de “eu não trabalho com estagiária”, o negócio começou a fluir.

Aproveitando a oportunidade, preciso abrir espaço para falar de Antônio Melo. Um dos jornalistas mais incríveis que conheci. Questionador, crítico quando necessário, um ávido por furos de reportagens e pela inovação. Foi ele quem, literalmente, me jogou em frente às câmeras. Melo

me chamou um dia e disse: a partir de amanhã, você irá substituir Kátia Delfabro no ao vivo diário do “Povo na TV”, com Rubens Lemos.

Eu surtei... disse não uma, duas, três vezes... e ele, tranquilo, dizia: “Vai sim”. Chorei, me desesperei e pedi demissão. Ele, com calma, foi ao camarim e começou a se barbear. E eu ali, sentada, explicando que não. “Vá para casa e volte amanhã para trabalhar no lugar de Kátia”, disse. Saí da sala decidida a não voltar mais. A secretária, que ouvia tudo na antessala, me disse: “Anelly, nunca diga nunca. Tente, e se não der certo, você desiste”. E assim eu fiz. Agradeço demais por essa dica que levo comigo até hoje.

Na band, só tínhamos hora para começar, nunca para terminar. E ninguém me obrigava. Eu mesma perdia a noção do tempo. Chegava a sair da redação tarde da noite. Como Melo sempre fazia reunião ao final do dia, eu queria ouvir a avaliação dele do nosso trabalho. Sentávamos na sala de Melo para primeiro assistir a Cabugi e depois o nosso. Broncas eram esperadas, mas, com elas, o crescimento. O salário era de estagiária, pouco — mas, para quem pouco sabia, era muito.

No “Povo na TV”, me aproximei de Rubens Lemos. Querido e sempre de alto astral, me deixou muito à vontade para entrevistar as pessoas, ao vivo, nas feiras livres, comércio e ruas do centro da cidade. Na época, 1991, o diretor era Augusto Lula, com quem tive o prazer de trabalhar novamente tempos depois em campanhas políticas. O meu trabalho era dar voz às pessoas na rua. Era sem

marcação, chegava 15 minutos antes e começava a falar com elas.... ouvia os problemas que enfrentavam no dia a dia.

As pessoas adoravam e valorizavam o nosso trabalho. Se sentiam representadas. Foi nesse momento que percebi a importância, de fato, do nosso trabalho, do valor social dessa profissão. Eles não tinham a quem recorrer. Nada de twitter, facebook ou instagram. Não existia a reverberação da notícia. Éramos uma das únicas alternativas que se tinha para lutar contra os problemas vividos na época. Aliás, pouca coisa mudou: falta de atenção básica à saúde, buracos, fome, inflação e alagamentos.

Nesse período, existia uma dificuldade grande de importar equipamentos devido à demora e o custo. As TVs locais utilizavam equipamentos já ultrapassados na época, vendidos pelas grandes empresas nacionais. O sistema era *U-matic*.

Então, ainda se precisava de um equipamento extra de gravação. A câmera não gravava, apenas mandava o sinal para o gravador de vídeo e áudio. As equipes eram formadas pelo repórter, cinegrafista (repórter cinematográfico), operador de áudio e motorista/iluminador. Bem diferente dos dias de hoje, onde o repórter é praticamente responsável por tudo.

Em 1992, fui convidada a integrar a equipe de reportagem da TV Cabugi (TV Globo). Ainda era estudante de jornalismo. O convite foi feito por Nina Rodrigues. Meu namorado, e hoje marido, Alexandre Azevedo, trabalhava na emissora como repórter cinematográfico e me deu apoio nessa nova fase, mostrando como funcionava tudo e como

os editores trabalhavam. Na Cabugi, passei 18 anos da minha vida. Época em que amadureci profissionalmente.

Aprendi com os melhores: Osair Vasconcelos, Ana Luiza Câmara, editora e depois diretora de jornalismo, Sebastião Vicente, Adriano de Souza, Nina Rodrigues, João Maria Medeiros, Diógenes Dantas, Priscila Wilmers, Leônia Rêgia, Marília Estevão, Sérgio Farias, Vânia Marinho, Marília Tinôco, Vilma Lúcia, Iranilton Marcolino, Remo de Macêdo, Osni Damásio, Verailton, Denise Azevedo, Estella Dantas, Bernadete Lago, Zenaide Castro, Núbia Cruz, Ana Cristina, Márcia Elisa, Thaisa Galvão, Vicente Neto e Francisco Alves, superintendente da TV, apaixonado pelo bom jornalismo.

Dividi os microfones com Virgínia Coelli, amiga que conheci nos corredores do Colégio Nossa Senhora das Neves e depois em algumas disciplinas da UFRN, Karla Rodeiro, Andréia Ramos, Lúcia Matias, Kátia Delfabro, Geraldo Gurgel, Angela Bezerra, Sérgio Pinheiro, Marcos Bezerra, Lídia Pace, Glácia Marilac, Helga Oliveira, Rilder Medeiros, Geider Henrique, Margot Ferreira, Michelle Rincon, e Liziane Virgílio.

Meus companheiros de batalha, os repórteres cinematográficos Jansen júnior, Robson Celino, Cleildo, Jean Carlos, Hélio Mamede, TBC, os motoristas Abelardo (abelha) e Seu Souza, editores Jarbas Monte, Bob, Ricardão, Everaldo, Hélio e o eterno Willian Bezerra.

Essa foi a etapa da minha vida profissional mais intensa, cheia de aprendizado e crescimento. Aprendi a ser uma cidadã de fato, entendendo os anseios da popula-

ção, ciente da minha responsabilidade como profissional e consciente do compromisso ético do jornalista.

Quando comparo o trabalho que tínhamos na década de 90, início de 2000, vejo que o estresse é o mesmo dos dias de hoje. As pressões é que eram diferentes. Nunca foi fácil ser jornalista em nenhum momento.

A distância dos locais, o tempo que levávamos para apuração, conseguir achar os entrevistados, a inexistência dos celulares (detalhe: usávamos fichas de orelhão para nos comunicarmos com a redação), ouvir os entrevistados para que a apuração fosse a mais profunda possível, capturar imagens, até editar era um nervosismo só.

Não repetíamos as matérias, a não ser as de grande repercussão, então isso significava que precisamos preencher o tempo do jornal. Se a matéria não entrasse na hora marcada, era um estresse. “Por que demorou tanto?” A explicação tinha que ser muito boa para não criar problema na redação. Abalava todos, da repórter à apresentadora, que ficava sem saber o que iria falar naquele espaço.

A alternativa era produzir matérias de “gaveta” nos finais de semana para esses momentos inesperados. A matéria precisava valer muito a pena. A avaliação da redação era criteriosa. Tinha que ser diferente para atrair o telespectador.

Matérias aprofundadas, poesia (as de Sérgio Farias eram primorosas, um show em qualquer final de jornal), histórias de vida, comportamento, cultura... Mostrávamos fatos e cotidiano. Em Barra de Maxaranguape, mostrei as mulheres dos pescadores catando algas para fazer sabão e

aumentar a renda familiar. Matéria que inspirou mulheres de outras localidades a fazer o mesmo.

Tínhamos o aval da direção de jornalismo para avaliar se valia, ou não, a pena divulgarmos. Briga de vizinho nunca nos interessou. É comum? Não vale a pena. Hoje, vejo os jornalistas falarem em furo de reportagem de um acidente de trânsito. As redes sociais fizeram de nós, jornalistas, competidores de internautas, “jornalistas de plantão”. Para se dizer que era um furo de reportagem, precisava ser uma matéria exclusiva de repercussão até nacional.

Quando olho para trás, lembro com saudade do que imaginava ser um bom jornalista: Tinha que ser ético e imparcial, nunca dar a sua própria opinião, apenas reportar e deixar o espectador, leitor ou ouvinte tirar as suas próprias conclusões. Sabíamos separar a amizade do trabalho muito bem. Ninguém podia saber qual o nosso time favorito, candidato, o que pensávamos. O tom era ser isento. Foi assim que me ensinaram na faculdade e nas redações que passei.

Me perguntaram se eu sentia alguma dificuldade em ser mulher jornalista na década de 90. Logo no início, senti o preconceito dos entrevistados. Olhares, palavras e insinuações. Mas isso mudou da década de 90 para 2000. A forma como nós repórteres estávamos encarando não só a nossa profissão, mas a nossa vida, fez mudar essa forma antiquada de ver as mulheres.

Na redação, nunca senti isso por parte da direção ou dos colegas. Pelo contrário, cheguei a uma redação sem perspectiva e logo ganhei a vaga de repórter, depois

apresentadora. E não só eu. A maioria era mulher. Vânia Marinho, Eliane Pereira, Neusa Farache, Ana Duarte, Karla Rodeiro, Margot Ferreira são algumas das apresentadoras que tive a honra de conhecer e trabalhar.

Na Cabugi, eu passei tanto pela reportagem como também pelo estúdio. Apresentei o Cabugi Comunidade, um grande programa que dava voz às comunidades, e o Bom dia RN, com o jornalista Agnelo Alves.

Aliás, um desafio enorme dividir a bancada com ele. Perspicaz e desafiador, adorava fazer pegadinhas. Lógico que todo dia era uma expectativa: “o que será que ele vai fazer hoje?” Tomava as minhas folhas com os textos em pleno ar, embaralhava as folhas, dizia que eu iria errar uma palavra difícil (meu coração começava a disparar quando ele dizia isso), além de fazer perguntas que nada tinham a ver com o assunto que eu estava falando. Era uma agonia, adrenalina boa, que hoje sinto falta.

Deixei a TV Cabugi em 2010, sabia que já tinha chegado a minha hora de alçar novos desafios. Foram 18 anos de casa muito bem vividos com os desafios diários de contar histórias do RN.

Quando saí da Cabugi, eu já trabalhava na Prefeitura de Parnamirim. Agnelo Alves tinha me convidado para ser assessora de comunicação dele quando assumiu a prefeitura em 2002. Quando saiu, o então prefeito Maurício Marques me convidou para assumir o Cerimonial e, posteriormente, voltar para a assessoria de comunicação, época em que trabalhei com os jornalistas Márcio César Pinheiro, o Chefe de Gabinete, Yara OKubo, Kassandra Lopes, Saulo de Castro, Gustavo Breno, Ana Amaral, Juli-

ana Grace e o comunicador Rannier Lira. A mesma coisa aconteceu quando o chefe do executivo, Rossano Taveira, foi eleito. Passei por três administrações na tarefa de passar aos cidadãos um serviço público mais transparente e mais conectado com os eleitores.

Um desafio que enfrentei foi o de conciliar as novas tecnologias nesse ambiente. A divulgação era apenas TV, jornal e rádio. O serviço público nas redes sociais era perigoso. Ninguém estava acostumado a abrir espaço para o eleitor reclamar. Mas todos os três chefes do executivo com quem trabalhei acreditaram que era um caminho sem volta e aproveitaram para ouvir o que estava reverberando nas redes sociais e, conseqüentemente, nas ruas do município.

Nas duas últimas décadas, vi essa barreira profissional desmoronar, seja pela questão econômica, seja pela ideologia política. Estamos mais intolerantes e esquecendo de escutar mais, questionar mais e debater sem paixões. O certo e o errado podem estar na mesma linha e a nossa função é o de conduzir as pessoas a tirarem as suas próprias conclusões.

Teve uma época em que eu não indicava ninguém a ingressar no curso de Comunicação Social — Jornalismo. Entendia que o radicalismo e os salários baixos atrelados à grande exigência dos patrões eram degradantes. O mercado de trabalho também não comportava o volume de novos profissionais que saíram das universidades no início do ano 2000.

Eu via colegas ganhando quase um salário mínimo para sobreviver. Hoje, penso diferente. O campo está crescendo. A concorrência com os “jornalistas de plantão” das redes

sociais está empurrando os leitores a buscar, cada vez mais, a informação de qualidade. É... vejo luz no fim do túnel sim!

O mercado de trabalho, para os jornalistas, está em ascensão devido à diversificação. Os campos clássicos de atuação deram espaço à produção de informação para a internet e a uma infinidade de opções que ainda precisam ser exploradas.

Hoje, atuo como Gerente de Comunicação do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do RN (CREA-RN). Aceitei em 2018 o convite da presidente do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do RN (CREA-RN), a engenheira civil Ana Adalgisa Dias Paulino. Divido a tarefa com as jornalistas Erta Souza e Nathalia Matos.

Isso não quer dizer que deixei o jornalismo de lado. Continuo na Tribuna do Norte, com a coluna Poder Judiciário, aos domingos, sobre Direito, e na Rádio Jovem Pan News Natal, onde apresento, com a jornalista Virgínia Coelli, o programa Entre Elas.

O que me faz seguir na profissão de jornalista é a paixão pelo que faço. Gosto do novo, das tecnologias, das redes sociais, de editar vídeos, de ver a nossa profissão expandida, voando e alcançando novos ares. Fiz especialização na UNP em Assessoria de Comunicação e em *Marketing Digital* na Estácio de Sá porque precisamos crescer sempre.

Existe espaço para todos que querem enveredar por esse caminho, desde que não aceitem a primeira resposta como verdadeira. E é a formação acadêmica quem dará a base necessária para essa escalada. O aprofundamento nas questões sociais, filosóficas e práticas pode gerar um

impacto grande na formação profissional do futuro jornalista.

Nessa era, onde muitos acreditam que basta um celular na mão para ser um comunicador, precisamos nos cercar de embasamento, principalmente ético, para fazer a diferença.

Jornalismo, para mim, é a ferramenta que me impulsiona a ser questionadora sempre. Quando dizem que sou desconfiada, lembro que sou jornalista. É para isso que estou aqui. Para cumprir com o meu compromisso de tornar público o que acontece com ética e responsabilidade.

Anna Ruth Dantas

Sou Anna Ruth Dantas de Sales Ferreira Lima. Uma caicoense que, desde os 9 anos de idade, alimentou o sonho de ser jornalista. Filha de dois professores de Educação Física (Ivaldi de Souza Sales e Rita Dantas de Medeiros Sales), a comunicação entrou na minha vida, literalmente, através de um exercício de colégio.

Estava na terceira série do ensino fundamental (hoje a quarta série), no Educandário Santa Teresinha, em Caicó. A professora era Irmã Socorro Dantas. No final da aula, a tarefa de casa foi assistir a um telejornal e levar para apresentar na sala de aula o resumo de uma notícia. No dia seguinte, lá estavam todos os alunos apresentando seus resumos. Eis que eu não levei apenas uma notícia, mas o resumo de dez notícias.

Fazendo aquela tarefa da escola, despertou em mim o desejo de transmitir notícias. Recordo-me que fiquei encantada com aquele trabalho de levar a informação. A partir daquele momento, decidi que, “quando crescesse, seria jornalista”; o que prontamente já avisei aos meus pais.

A partir disso, começou a despertar a “comunicadora” em mim. Na rua Visitador Fernandes, onde morava em Caicó, fiz o jornalzinho “da rua”. Depois, fiz o informativo “da família”, que trazia notícias, como a chegada da minha

tia “Cozinha” para Festa de Sant’anna de Caicó ou o cardápio do almoço do domingo de “evento”.

Está aí um fato curioso. Não me recordo o ano, mas um dos presentes de “Papai Noel” que recebi foi uma máquina de datilografar. Ideia da minha mãe. Lembro que, quando desembulhei aquele pacote, foi uma decepção grande, esperava um jogo e veio uma máquina. Depois do choro, a providência materna: inscreveu-me em um curso de datilografia. Fui totalmente a contragosto (assim como “desgostoso” foi aquele presente do Natal).

Eis que o destino me reservava que aquela máquina de datilografar e o curso muito me seriam úteis e marcariam uma característica minha: a rapidez na digitação (algo que muito me ajuda até hoje!).

A decisão de ser jornalista soava como sonho (distante de ser alcançado!). Concluí todo o ensino fundamental naquela escola de Caicó e, em seguida, cursei o ensino médio já em Natal. Aliás, no Colégio Nossa Senhora das Neves, na capital, integrei a equipe do jornalzinho. Lembro-me da primeira entrevista feita por mim para o “Jornal do Neves: foi com a atleta Magnólia Figueiredo.

Sempre demonstrei uma vontade do desbravar de buscar “entrevistados” de peso. Ainda no informativo do colégio, lembro de uma competição de tênis nacional no Aeroclube com grandes nomes do circuito. E lá estava eu querendo entrevistas com todos aqueles craques: Luis Mattar, Jayme Oncins e Fernando Melingeni para o “Jornal do Neves”. Ainda no colégio, cheguei a fazer um teste para a TV Neves, mas fui reprovada.

A aprovação no curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, representou uma espécie de “passaporte para realização do sonho”. Fui o primeiro lugar do curso de Jornalismo no vestibular. Ingressei no primeiro semestre de 1995 e concluí o curso no primeiro semestre de 1999.

Da nossa UFRN, trago as melhores lembranças. Dos livros do professor José Marques de Melo, dos mestres da sala de aula, do interesse pela filosofia despertado pelo professor José Ramos, do estudo da Semiótica. Durante os quatro anos e meio de curso, algo que sempre me pareceu mais carente foi a aula prática.

A passagem pela TV Universitária foi muito fugaz. As aulas da disciplina de rádio (veículo que mais tarde eu viria a me apaixonar) também me deixaram com uma lacuna (preenchida anos depois com a prática da atividade profissional).

Logo no primeiro semestre de faculdade, já estava buscando estágio e, apenas no segundo período, consegui a inserção. Primeiro, fui aprovada em estágio para Federação da Indústria do Estado do Rio Grande do Norte (Fiern), atividade que desempenhei sob a supervisão de Edilson Braga e Tácito Costa.

No início do estágio, eu até que me empolguei produzindo notícias para o jornal interno. Mas, poucos meses depois, já estava sem estímulo, com a missão (enfadonha!) de fazer a *clipping*. Gostava de escrever, exercitar, e o *clipping* se colocava para aquela jovem estudante como algo “sem encanto”.

Enveredei ainda pela Tribuna *Teen*, um periódico dedicado aos jovens. Era um encarte do jornal Tribuna do Norte, textos curtos e entrevistas. As atletas Fernanda Venturini e Virna Dantas, além das bandas baianas do Carnatal, passaram pelo meu gravador Sony de mini-fita.

Depois da Tribuna *Teen*, entrei no jornal Tribuna do Norte. Cheguei exatamente na transição da máquina de datilografar para o computador.

Lembro-me que, ao entrar na Tribuna para pedir um estágio ao querido Osair Vasconcelos, diretor de redação da época, encontrei uma redação ainda com as famosas máquinas. Passei um mês como estagiária. Minha precoce busca por um espaço me trouxe situações “delicadas”. No estágio de um mês na TN, lembro que, no primeiro dia, a então editora Yara Okubo falava sobre o *lead* da matéria. Naquele momento, eu não sabia o que era “*lead*”, ainda não tinha aprendido na universidade. Óbvio que, no final daquele dia, já havia deduzido que o “*lead*” era o “primeiro parágrafo”.

Cinco meses depois dessa passagem de 30 dias pelo jornal, retornei à mesma Tribuna para “começar o primeiro emprego” e me deparei já com os computadores. Para mim, que havia feito um curso de *Word* gratuito na UFRN, trabalhar com aquelas máquinas foi tranquilo.

Comecei na Tribuna como repórter de “Cidades”, essa foi uma grande escola. Essa editoria me proporcionou “passar” por dezenas de temáticas, desde saúde à polícia, matérias, como a beatificação dos mártires de Cunhaú e Uruaçu, até reportagens especiais sobre os moradores de rua.

Inclusive, por falar na beatificação dos mártires, está aí uma das minhas passagens inesquecíveis. Na redação, surgiu a notícia de que a Tribuna do Norte enviaria um correspondente para cobrir a cerimônia religiosa diretamente no Vaticano. Eu estava há quatro anos trabalhando no jornal, dedicava-me ao máximo à atividade. Mas, sinceramente, não imaginava que conseguisse ser a escolhida.

Era uma sexta-feira, do ano 2000, final de expediente, quando o então diretor de redação da Tribuna do Norte, Carlos Peixoto, me chamou na sala dele, o famoso “aquário” (tem esse nome porque, daquela sala, ele tinha toda a visão da redação através de um vidro). Naquele momento, o querido Peixoto me comunicou da escolha do meu nome para viajar à Europa.

A alegria foi enorme, mas, ao mesmo tempo, tomou conta de mim um senso de responsabilidade e desafio maior ainda. Foram 15 dias de reportagens acompanhando um grupo de peregrinos de Natal no continente europeu. Jamais esquecerei! Guardo desse momento as melhores recordações e aprendizado. Era um grupo de 20 peregrinos. A primeira parada foi Fátima, em Portugal. Foi uma viagem, sob todos os aspectos, linda: de fé, de conhecimento pessoal e profissional, de realização.

As reportagens internacionais eram enviadas via e-mail. Recordo-me que conduzi, para essa cobertura, uma máquina digital e outra “tradicional”. A “revelação das fotos” era feita em lojas que encontrava, e de lá mesmo “escaneava” as imagens e enviava para redação, em Natal. A rota que seguimos fez paradas em Portugal, França e Itália.

Viver o dia a dia daqueles peregrinos foi uma vivência ímpar. Sou uma pessoa que procura exercitar, diariamente, a minha fé e, naquele contexto de “cobertura internacional”, vivia um misto de realizar o sonho de conhecer os lugares santos (sonho de infância) e o sonho profissional de grandes reportagens.

Inesquecível também a reportagem, no estilo de imersão, onde permaneci durante um dia inteiro dentro de um presídio feminino. E como esquecer a reportagem especial sobre as pessoas que viviam “em torno” do lixão de Cidade Nova, na zona Oeste de Natal?

Ainda na Tribuna, assinei uma página chamada 3 por 4. Era uma entrevista dominical, sempre com um nome de repercussão. A ideia do projeto foi de Carlos Peixoto. A escolha do entrevistado da semana era sempre o critério de repercussão do nome.

O foco era trazer para a página do jornal da imprensa estadual um nome nacional e sempre com a premissa de entrevista feita pessoalmente. Embora já estivéssemos, naquele momento, com muitas tecnologias, a entrevista presencial se mostra sempre muito mais rica e, por isso, em todas as edições, eu fiz a entrevista pessoalmente.

De políticos nacionais, escritores famosos, cantores, artistas, filósofos, foram entrevistas que me trouxeram um esforço pessoal para buscar as “exclusivas” e uma satisfação profissional por conseguir presentear o leitor com grandes nomes.

Inquieta

Tenho como característica a inquietude. Já na Tribuna, desenvolvi diversos trabalhos paralelos, como correspondente da revista Isto É, onde assinei diversas matérias. Durante seis anos, fui correspondente da Agência Nordeste de Notícias para o Rio Grande do Norte e, ainda nessa seara, atuei na Agência Estado de São Paulo. A chamada “zona de conforto” nunca fez parte do meu dia a dia, estou sempre buscando novos desafios.

Lembra da viagem à Europa para cobrir a beatificação dos mártires de Uruçu e Cunhaú? Antes de embarcar, a minha amiga e competente jornalista, Virgínia Coelli, me pediu para fazer *flashs* ao vivo de lá para o Panorama Político, programa apresentado por ela e Agnelo Alves. Eu nunca havia feito *flashs* para nenhuma rádio. E, confesso, nunca pensei em fazer programa de rádio. Aceitei o convite de Virgínia como um grande desafio. Lembro-me que gostei muito de fazer as inserções para, então, Rádio Cabugi.

Ao voltar para o Brasil, Virgínia (uma grande professora!) continuou me convidando para participar do programa. Foi dessa forma que enveredei pelas ondas do rádio. Veículo que se tornou uma grande paixão para mim. Primeiro foi o Panorama Político, programa que apresentei com ela e Agnelo Alves. Foram quase dez anos de parceria.

Depois ingressei na Rádio Cidade — 94 FM, de Natal, com o Jornal da Cidade, uma hora e meia de informação. O programa tem como característica principal o noticiário com linguagem direta, onde busco oferecer ao ouvinte um grande volume de informação, mas sempre prezando

pela notícia completa. Mas, paralelamente, a parceria com a amiga Virgínia Coelli continua, nas ondas da 91,9FM. Apresentamos o Panorama do RN, que se coloca com uma rede de 25 emissoras de rádio, chegando em todo o Estado.

Lembram da inquietude a qual me reportava há pouco? Afora essa atividade no rádio, na Band Natal, apresento o Band Cidade ao vivo, o noticiário do início da noite da emissora.

Política

O Jornalismo Político surgiu na minha carreira meio que “por acaso”. Foi a partir daquelas despreziosas participações no Panorama Político que comecei a enveredar nesse caminho, fazendo coberturas políticas, entrevistando políticos, entendendo os “jogos”, analisando as “perspicácias”, acompanhando as “simulações” de uns e verdades de outros.

Mas o meu gosto pela política é bem antes disso. Recordo-me que, na casa dos meus pais em Caicó, tinha um quarto dos fundos, com “porta para rua”. E eu fazia dali, na minha época de criança, um comitê pluripartidário.

Explico: colava na parede fotos de todos os candidatos, dos mais diversos políticos. Aliás, era daquele espaço que eu fazia comícios para um público fictício, naturalmente. A diversão da criança de 10–11 anos era escrever para os comitês nacionais dos partidos e pedir material de campanha, que logo eram fixados nas paredes.

Mas, prezado leitor, antes de fazer conjecturas e projeções, já lhe asseguro: não tenho nenhuma pretensão de

candidatura a cargo público. Gosto da política como jornalista e cidadã, e nada mais.

Assessoria e palestras

Paralelamente a essas atividades nos veículos de comunicação de massa, desenvolvo outras duas que muito me empolgam: assessoria de comunicação e cursos. Estudo e pesquiso muito sobre gerenciamento de crise de comunicação e, a partir dessa temática, já ministrei cursos de *media training* para órgãos públicos e empresas privadas.

Sempre é uma grande experiência e aprendizado ministrar esse tipo de curso. Aliás, um dos *hobbies* que tenho é, quase diariamente, clipar uma crise de comunicação que esteja ocorrendo. Esse material é todo usado como objeto de estudo para mim. E, claro, cases que apresento nas palestras e cursos para os quais sou convidada.

Já na assessoria de imprensa, estou à frente da Comunicação da Justiça Federal no Rio Grande do Norte. Tenho como missão integrar a JFRN com a comunidade potiguar, promover interação e, assim, democratizar o acesso ao Judiciário.

Nessa vertente, desenvolvo projetos voltados ao social e voluntariado, ações que têm como objetivo a aproximação da nossa Justiça com o povo potiguar. Penso que as instituições podem entregar mais do que a sua própria atividade final.

Na Justiça Federal, desenvolvemos ações de incentivo à doação de órgãos, projetos de promoção da inclusão, produção de material em Braille e confecção de revista em quadrinhos para o público infantil.

O trabalho na Assessoria de Comunicação da instituição é desenvolvido por mim e dois estagiários. Os resultados colhidos e a repercussão alcançada são molas motivadoras de buscarmos empreender novos projetos na premissa da inovação e do ir abraçar as demandas da comunidade.

Na JFRN, através de projetos de comunicação interna e externa, conseguimos alcançar um vanguardismo no perfil empreendedor de uma comunicação proativa.

O jornalismo sempre me encantou e, depois de tantos anos na profissão, atuando no jornalismo online, na assessoria de comunicação, consultorias de comunicação, rádio e televisão, confesso que nunca, em nenhum segundo, pensei em deixar a carreira.

Trago a comunicação como uma verdadeira devoção. Não limito (e jamais poderia fazer!) o trabalho aos “dias úteis”. Estudo todos os dias, busco o conhecimento, exercito a prática sempre consciente de que preciso melhorar.

Antes mesmo de ingressar na faculdade, procurei conversar com algumas jornalistas sobre a profissão. Confesso que, o que escutei delas, não era “o que queria ouvir”. Palavras (até certo ponto) duras de uma profissão difícil sob o ponto de vista de trabalho e de remuneração. Mas não me deixei convencer pelas impressões daquelas que, mais tarde, viriam a ser colegas de profissão.

Anos depois, tive a oportunidade de falar para alunos de Comunicação Social, e eles me fizeram a mesma pergunta que, em outro tempo, eu fiz para as jornalistas. Mas minha resposta diferiu daquela que escutei. Acredito que o Jornalismo tem um grande papel na sociedade e quem

decide enveredar pela carreira precisa ter consciência dos seus desafios e da missão que escolheu.

Eu amo o Jornalismo! Levar a informação, conversar diretamente com os ouvintes, explicar aos telespectadores, falar sobre como se comunicar melhor para plateia das palestras, desenvolver projetos de comunicação para aproximar a instituição da comunidade... tudo isso me fascina e desafia a cada dia.

Ser jornalista é realizar um sonho. Pelas muitas atribuições, naturalmente, meu dia começa muito cedo, na verdade, nas primeiras horas do dia, mas nunca, absolutamente nunca, queixei-me de madrugar para poder produzir o conteúdo que, horas depois, irei apresentar no rádio.

A comunicação é dinâmica! Exige de nós uma atualização constante. Com as redes sociais, a minha impressão é que a cada dia precisamos dar um “F5” para atualizar o nosso HD. Mas longe de me desestimular, isso me empolga! Ser jornalista para mim é aprender a cada dia: aprender para ensinar aprendendo.

Rosilene Pereira

Eu nunca tinha pensado em me tornar jornalista. Aliás, só entrei no curso depois de duas tentativas frustradas na área da saúde. Mas, certa vez, o meu melhor amigo do terceiro colegial, o publicitário João Saraiva, já no segundo ano de jornalismo, me convidou para ir uma noite assistir aula, como quem não quer nada. Só que eu quis. E fui. E deu certo.

Entre na UFRN por meio do vestibular realizado pela Comperve. As provas eram realizadas em duas etapas; uma objetiva e eliminatória, e outra subjetiva, classificatória e com matérias específicas da área humanística. Cada etapa durava três ou quatro dias. Cerca de dois meses após a avaliação, veio o resultado, que era transmitido ao vivo pela TV Universitária.

Eu havia prestado o exame para o curso noturno, pois trabalhava durante o dia. Na lista ao lado, correndo o dedo até a letra R, lá estava meu nome entre os 36 classificados que conseguiram vencer a concorrência de 11 candidatos para uma vaga do curso que, naquele longínquo dezembro de 1996, foi o sexto mais concorrido da UFRN.

As aulas das turmas iniciantes noturnas começavam no segundo semestre letivo, nas salas cedidas pelo curso de ciências contábeis. Sim, em 1997, ano de meu ingresso na

UFRN, todas as disciplinas, até pelo menos a metade do curso, eram ministradas em dois corredores gentilmente emprestados. Não havia instalação física própria.

A primeira ala abrigava uma sala com grandes *Olivetis* dispostas sobre grossas bancadas de cimento; ao lado, estava a hemeroteca, cuidada pelo prestativo Fernando Pereira; e, no final, havia um laboratório de fotografia diminuto, no qual a gente se acotovelava para assistir as aulas da professora Renata Silveira, que chegou já na metade do semestre.

Havíamos ficado esse tempo todo sem aula da disciplina, provavelmente por falta de concurso para a vaga de professor. Não havia condicionadores de ar em nenhum dos ambientes onde os professores ministravam suas aulas, como a elegante Sylvia Coutinho Abbott Galvão (leitura e produção de textos, salvo engano).

O exigente Gilvando (português I e II); o envolvente Eduardo Pinto (semiótica); Marcelo Bolshaw, que me fez a grande revelação da existência do ciberespaço (tecnologia da comunicação); a agregadora Tânia Mendes (Assessoria de Imprensa e Telejornalismo), o poético Jarbas Martins; a descolada Graça Pinto, que abria a mente dos alunos com exibição de filmes como “*Trainspotting*” e “Cidadão Kane”; e o paciente Newton Avelino (teoria da comunicação).

Uma curiosidade: nessa época, o acesso à Internet era caro, discado e via telefone fixo, o que ocupava a linha. Então eu esperava dar meia-noite, quando ninguém em minha casa usaria o telefone, para me conectar à grande rede de comunicação. Usava um dos diversos *CD-roms* gratuitos disponibilizados pelo primeiro portal de notícias

na Internet, o Universo *OnLine* — que depois viria a ser o UOL, do Grupo Folha — que chegavam à minha casa como brinde pelos Correios. Usava o código-chave do CD e tinha acesso ao ciberespaço.

Ao longo dos primeiros semestres, alguns alunos desistiram de seguir com o curso. Outros, desnivelados, foram incorporados à turma original. Juntos, colamos grau no semestre 2001.2. Listo grandes amigos até hoje, como o já citado Patrício Junior (radicado em Recife); Kayonara Souza (publicitária, vive na Espanha); Ylka Oliveira (mestre em comunicação na temática rural em Recife); e Soraya Fonseca (editora de TV pública em Brasília).

Sob a liderança do nosso colega de sala Freire Neto, à época já um apaixonado pelo jornalismo esportivo, formamos a “Usina Comunicação”. Com o apoio da TV Universitária e da rádio FM Universitária, fizemos assessoria de comunicação produzindo *releases* e fotos, e colocamos no ar dois programas: o Telecuteco (TV) e o Balacobaco (rádio).

Foi a primeira vez que me senti uma jornalista. Deu um orgulho danado de me apresentar assim aos entrevistados — mesmo ainda sendo apenas uma estudante da profissão. Uma das satisfações que o jornalismo pode proporcionar ao profissional é a oportunidade de interação com diferentes pessoas, lugares e realidades.

Ao longo da vida, essas oportunidades vão se acumulando e, ao profissional atento, se transformam em valiosa bagagem cultural, em crescimento pessoal. Tive essa satisfação pela primeira vez quando, cobrindo a parte cultural da 50ª Reunião, entrevistei personalidades como o escritor Ariano Suassuna, o multiartista Antônio Nóbrega e o

rabequeiro Mestre Salustiano. Praticar o jornalismo pela primeiríssima — e desajeitada! — vez foi encantador.

O primeiro estágio foi como repórter na extinta TV Potengi, afiliada BAND. Christiano Couceiro foi quem me falou do teste aberto para uma vaga de repórter na TV onde ele apresentava o “De Olho na Folia”, programa que cobria a micareta Carnatal.

Fiz o teste sob avaliação do então diretor de redação Max Fonseca. Concorrendo à vaga comigo, estava a caloura de jornalismo Geórgia Nery, uma moça muito falante que, no dia do teste, já disse que sabia que a vaga era minha, que “não teria chance diante de alguém do quarto período”. Realmente, fiquei com a vaga.

Passei a me deslocar todas as tardes à sede da TV na rua Manoel Miranda, a Avenida 11, no Alecrim. A emissora dividia sua grade jornalística com programas de variedades, policiais e de auditório. Eu pegava três pautas para o telejornal da noite e Sayonara Alves cumpria pauta para os diversos programas de variedades da casa.

Saíamos as duas em uma minivan e dividíamos o cinegrafista Alexandre César “Cesinha” — ainda atuante na BAND — que também era motorista e iluminador. Trabalhavam lá Jeanny Damas, Gudmila Régis (ainda estudantes, como eu), Salatiel de Souza, Anderson Foca e Toinho Silveira.

Foi curta a minha passagem à frente das câmeras. Senti falta de ser orientada ao mesmo tempo em que era bastante cobrada e cumpria uma carga de trabalho que se estendia além do prazo. Não que isso tenha mudado significativamente ao longo dos anos e das redações por onde passei.

Mas me assustou, nesse início, e me fez pedir para sair da TV.

Logo depois, comecei a estagiar na assessoria de comunicação do Parque das Dunas — Bosque dos Namorados. Fiquei lá por dois anos, prazo máximo do contrato. Como não havia um núcleo de comunicação, eu mesma era responsável por organizar o setor, planejar e executar tarefas. Um computador compartilhado com colegas de estágios de outras áreas era minha ferramenta de trabalho, além de um telefone fixo para manter contato com redações.

Por ser a única no parque a falar inglês, ainda fazia trilhas na mata guiando os noruegueses e finlandeses no *boom* da visitação de turistas nórdicos ao RN, na época. Não havia redes sociais e as suas urgências, então o trabalho era tranquilo — até mesmo pelo perfil atrativo do local, fadado, em sua essência,   geração de pautas positivas.

Meu terceiro e derradeiro estágio se deu na saudosa TV Cabugi “dos Alves”, lugar de trabalho mais cobiçado no mercado por possuir a melhor infraestrutura entre os veículos de comunicação. Não esqueço do meu coração batendo em descompasso ao cruzar as portas de abertura automática e o brilhante piso de granito rumo à sala de “doutor Chiquinho”, como o superintendente Francisco Alves era chamado.

Estagiei por dois anos no setor de pauta, em uma salinha contígua   redação onde se revezavam dois estagiários por turno. Alguns deles: minha amiga de universidade Ylka Oliveira; a paulista recém-chegada Fernanda Zauli, grávida do hoje campeão de surf Mateus Sena; a bem-humorada Adriana Amorim; a hoje advogada Clarissa Menezes; e

o cineasta Buca Dantas. Fomos capitaneados pela competente mineira Ana Cristina França — que na época já era sócia da repórter Ângela Bezerra na Letra A Comunicação — e pelo amável *workaholic* Gustavo Farache.

Havia uma hierarquia bastante respeitada, na qual Ana Luiza Câmara ocupava o posto principal como diretora de jornalismo, assistida pela secretária de redação Núbia Cruz, e assessorada pelo segundo maior nome do setor, o editor e repórter Sérgio Farias, que até hoje, de longe, tem o mais belo texto do jornalismo televisivo potiguar.

Uma lástima não haver mais espaço para reportagens criativas e crônicas jornalísticas com textos densos como os dele, tão bem ilustradas pelo olhar apurado de mestres cinegrafistas, como Jansen Junior, Robson Celino, Zenóbio Oliveira, Alexandre Oliveira e Cleildo “Vida” Azevedo, e arrematada pela edição primorosa de Jarbas Monte.

Ver este último em ação, recebendo as fitas mini *DVCam* e fazendo mágica em sua mesa de edição, rolando para lá e para cá as centenas de botões e girando no ar uma varinha de condão imaginária era uma das coisas mais prazerosas desta época.

Os editores Remo de Macedo, Estella Dantas, Denise Azevedo, Verailton Alves, Kátia Campos, Madson Fernandes, Vilma Lúcia e Osni Damásio reuniam o conteúdo produzido por repórteres já mais experientes, como Virginia Coelly, Anelly Medeiros, Andreia Ramos, Michelle Rincon, Marcos Bezerra (da sucursal de Mossoró).

Geraldo Gurgel (sucursal de Brasília) e de iniciantes, como Helga Oliveira e Glácia Marillac. Vânia Marinho, Margot Ferreira, Geider Henrique, Rilder Medeiros e

Carla Rodeiro apresentavam os três telejornais da casa, na qual havia, ainda, uma versão local do Globo Esporte.

Na função de estagiária, cheguei a produzir reportagens de rede para programas, como Fantástico e Jornal Nacional, algumas com câmera escondida — nesse caso, escondida mesmo, já que nem havia equipamentos próprios para esse fim e aqueles utilizados na rotina eram de grande porte.

O desafio do improvisado era posto e dava certo. Outras vezes, substituí repórteres em ocasiões peculiares, como na entrevista à “Viúva Negra”, mulher que já havia assassinado uns sete maridos e acumulava anos de detenção por seus crimes. Nessa época, havia tempo e infraestrutura para planejar detalhes, como a inclusão de um BG na matéria.

Colaborando para o “Coisa de Criança”, um dos quadros de variedades exibidos no RN TV 1ª edição, produzi- dos por Márcia Elisa, sugeri entrevista com meu sobrinho, Mateus, na época com cinco anos e que sabia tudo sobre dinossauros.

Rendeu tanto que fomos, eu e ele, parar no programa Jô Onze e Meia. Depois me vi obrigada a ser sua assessora de imprensa, dado o volume de veículos que queriam entrevistar o garoto, além de todos os veículos do RN. Fomos ao Rio e SP, e gravamos no SBT e Globo, com os apresentadores Moacir Franco, Marcio Garcia e Zeca Camargo.

Em tempo: por um curto período, trabalhei na Oficina da Notícia, assessoria de imprensa dos colegas Rilder e Osni, em uma situação bastante difícil; assumi o posto de Sheila Sena, amiga de faculdade, falecida após uma crise de apendicite. Paulo Celestino foi o colega que me ajudou na

espinhosa tarefa de guardar os seus pertences e dar seguimento ao seu trabalho.

Quando veio a formatura em jornalismo, emendei a saída da Cabugi com meu primeiro contrato como profissional. Está lá na minha carteira de trabalho: sub-editora do cabugi.com, primeiro portal de notícias pela Internet do RN e um dos primeiros do Brasil, filiado ao, então recém-lançado, Globo.com.

A equipe enxuta era dirigida por Margarida Knobbe e tinha como repórteres-estagiários Fred Carvalho, Yuno Silva, Bira Nascimento e Aristeu Araújo, que saíam às ruas munidos de uma câmera fotográfica digital — a primeira que todos nós vimos na vida! — que conseguia gravar, no máximo, uma dezena de imagens no disquete inserido em sua entrada lateral. Sou grata pela oportunidade de ter participado diretamente dessa fase na qual “tudo ainda era mato” na Internet.

Também sou agradecida à colega Michelle Rincon por ter me indicado para trabalhar na campanha política de 2002. Saí do portal e trabalhei por quase um ano como produtora de jornalismo da MP5 Propaganda, empresa paulistana de *marketing* que se instalou em Natal para atender um candidato ao governo do Estado.

Assim comecei a diversificar os nichos de atuação profissional. E este, sazonal, mantenho até hoje. Comentava-se que, em tempos idos, fulano havia “comprado um apartamento com o dinheiro que ganhou trabalhando na campanha”, mas (infelizmente!) não alcancei essa bonança. A média salarial nas redações sempre foi baixa e exige do jornalista equilibrar dois trabalhos fixos mais os *freelas* que

consegue. Desde então, a cada dois anos, o meu *freela* tem sido o *marketing* político.

Trabalhar e conviver por tantos meses com profissionais de fora do mercado potiguar abriu a visão daquela menina de 25 anos que nunca havia pensado em sair de Natal. Findada a campanha, meus novos colegas voltaram para São Paulo e eu me vi sem trabalho.

Era uma iniciante, mas já havia saído daquele que era tido como o melhor veículo da cidade. Me vi sem rumo, tentando me encaixar com alguns serviços de assessoria de comunicação feitos com o amigo Marcílio Amorim. Enquanto isso, os amigos de São Paulo continuavam a incentivar minha mudança para a cidade deles.

A falta de perspectiva no mercado de trabalho e de amarras que me prendessem a Natal, motivaram minha mudança para a Paulicéia, no início de 2003. Segui, apoiada nas economias ganhas na campanha política, no incentivo dos tais amigos, em uma matrícula no curso de roteiro do Senac da Scipião.

Ah! Osair Vasconcelos, então diretor do Diário de Natal, me confiou/presenteou com uma listinha seleta de profissionais por quem eu poderia procurar, em seu nome. Lembro que, assim, a simpática Dodora Guedes me recebeu em sua agência de comunicação no Pacaembu para um café. E lembro de como eu suspirava com o meu primeiro emprego paulistano — que nem demorou muito.

Dois meses após minha chegada, eu já estava trabalhando com produção de conteúdo para uma produtora independente. Depois, na extinta rádio rock Brasil 2000, fui redatora para um programa jornalístico e de varieda-

des, apresentado por Kid Vinil. Entrevistei Pitty quando ainda era uma revelação, Skank lançando mais um sucesso, Nação Zumbi firmando carreira pós-Chico Science e até Chrissie Hynde, que estava de passagem pelo Brasil com o Pretenders.

Ainda na rádio, comecei a fazer *freelas* para a Duda Mendonça, *Marketing* Político, a convite dos tais amigos da MP5 que, a essa altura, já haviam engatado serviço para as campanhas minoritárias do ano seguinte, 2004.

O *freela* evoluiu para um contrato fixo e eu passei um ano e meio trabalhando na agência que tinha atuação nacional quando Duda era o maior nome do *marketing* brasileiro. Trabalhei em um setor dedicado à produção de conteúdo e, entre outras ações, participei da Análise de Mídia do primeiro ano do Governo Lula e da campanha de Marta Suplicy à Prefeitura de São Paulo.

Além do já citado curso de roteiro do Senac, fiz outros na área de comunicação na Escola Comunique-se e de jornalismo investigativo pela Abraji, ministrado em parceria com a Folha de S. Paulo.

O dinamismo de absolutamente tudo na metrópole só aguçou o meu gosto pelo jornalismo, preferência compartilhada com o grupo de amigos de faculdade já radicados em São Paulo antes de mim: Nélio Junior, Gudmila Régis, Paulo Celestino, Alexandra Alves, Adriana Silveira, Ariane Mondo, Alan Severiano e Paulo Araújo.

Praticamente todos vivíamos no bairro de Pinheiros, onde criamos um núcleo de convivência bem estreita ao qual intitulamos puerilmente de PPPP (Poder Para o Povo Potiguar). Com eles, dividi casa, apartamento, uma

saudade do mar que batia de vez em quando e muitas contas nos bares da Vila Madalena.

Meu trabalho mais longo na cidade durou de 2005 a 2008, na GT *Marketing* e Comunicação, fundada pelo potiguar de muitos predicados no jornalismo, Gaudêncio Torquato. Fui bater à porta de seu escritório com o currículo na mão e, em uma conversa com sua esposa, a também jornalista Verydiana Pedrosa, me garantiu a vaga de assessora de comunicação de clientes, como a Associação Brasileira de Empresas de Cruzeiros e outros na área patronal.

GT é, de longe, o profissional de currículo mais denso com quem já trabalhei. Em sua empresa, recebia o piso salarial de assessora de imprensa, que era o mais alto da categoria pelo Sindicato dos Jornalistas de SP ao qual era filiada.

A entidade oferecia, ainda, benefícios, como plano de saúde e odontológico e descontos em lojas e serviços. A jornada era de sete horas (cinco horas corridas mais duas horas extras com um intervalo de uma hora não contabilizada para o almoço) e o salário subia com uma certa frequência, dados os dissídios coletivos.

Bateram os meus trinta anos e, com eles, uma vontade de aconchego que me conduzia à terra natal, motivada principalmente pela chegada dos meus sobrinhos trigêmeos. Comecei a amadurecer essa volta, mas não sem antes ir morar na Europa.

Com o apoio de GT para ir além-mar — com a volta para Natal, ele não concordava, de jeito nenhum! — fui para Dublin com meu namorado (e ainda namorado,

marido, companheiro, pai de minhas filhas). Passamos por oito países até que a crise econômica de 2008 nos obrigou a tal volta.

Iniciamos vida nova e a dois, em Natal.

Como seria o mercado? Haveria nele um lugar pra mim?

As mesmas questões da remota chegada a São Paulo tomaram conta, apesar de estar “em casa”. Sim, havia lugar e, de 2009 a 2011, esse lugar foi na comunicação da Assembleia Legislativa, a convite da assessora Geórgia Nery. A doce Juliska Azevedo era a assessora da presidência auxiliada pelo muito gentil Luís Henrique. Assim, ingressei no ramo da comunicação pública — no qual permaneço.

Deixei os colegas do Legislativo (Anna Karla Fontes, Camila Araújo, Gabriela Freire, Kadidja Furtado, Flávia Urbano, Aldemar de Almeida) para trabalhar no núcleo de *marketing* do Governo do RN, que funcionava na agência Art&C de Arturo Arruda em meio a um time de baianos e pernambucanos. Corria o ano de 2012 e foi quando começou a se falar em ações, como o “tuitaço”. Era a comunicação via redes sociais começando a mostrar a sua força.

Fazer revistas sempre foi uma paixão para mim e, nesse tempo, tive o orgulho de fazer parte, por duas ou três edições, da Veja Natal, paralelamente ao trabalho na Assembleia. Cobria a seção de Restaurantes sob a orientação e edição do amigo Paulo Araújo e a supervisão direta do Grupo Abril, na pessoa de Miguel Icassati, sábio da “boa gastronomia jornalística.”

Orgulho igual sinto de ter ajudado a colocar no mercado, a convite dos amigos Rilder Medeiros e Osni Da-

másio, e com a reportagem cuidadosa de Eliade Pimentel, a revista institucional Unimed & Você. Qualidade de vida e saúde eram os temas abordados de forma leve e ilustrativa. Em 2016 e 2018, o artista plástico e também jornalista César Revorêdo me convidou para editar a versão potiguar da revista Casa Cor, do evento nacional homônimo que ele havia trazido para o RN. Mais uma vez, uma rica experiência com a Editora Abril, *Publisher* da revista.

E, desde 2013, edito a Revista Versailles, ideia da criativa Larissa Borges e a qual considero um caso de sucesso, já que a publicação se mantém firme no mercado há mais de uma década, mesmo diante da perda de espaço que a comunicação impressa tem sofrido.

Em 2013, entrei na Assecom do Governo do RN, na função de chefe de redação, que ainda ocupo neste 2020 pandêmico. É um trabalho que exige habilidade em gerenciamento de crise, já que se trata de um órgão do Poder Executivo, linha de frente na organização de uma sociedade. Paulo Araújo, Edilson Braga, Geórgia Nery, Juliska Azevedo, Pedro Ratts e Guia Dantas foram os secretários estaduais de comunicação com quem tive o prazer de trabalhar nestes anos.

Hoje, sinto que tenho uma profissão estratégica para a construção de uma ordem democrática mais equilibrada, mas precarizada por motivos diversos que vão desde a insegurança jurídica causada pela desobrigação do diploma superior até uma certa “autofagia” ocasionada pela sociedade de comunicação, globalizada, na qual (sobre)vivemos rodeados por emissores de informação de toda sorte.

Vi com tristeza jornais pararem suas máquinas gráficas; impérios de comunicação deixarem de existir (a Abril, gente!); colegas terem, às dezenas, de empreender em outras áreas... Sigo tirando o meu sustento da atividade de assessora de comunicação, completada com a escrita de livros biográficos e institucionais. Espero continuar encontrando o meu lugar e seguir atraída pela comunicação em seu conceito mais abrangente e pela sua possibilidade sem fim de aquisição de conhecimento.

Cledivânia Pereira Alves

Cresci em uma casa sem livros. Minha mãe não conseguiu terminar o primário. Meu pai não aprendeu a ler, mas era bom de ‘fazer conta’, o que foi decisivo para a profissão (comerciante). Fui a primeira da família a conseguir um diploma universitário, o que era tido como um grande feito (independente do curso). “E Vaininha?”, perguntavam os amigos à minha mãe. E ela prontamente respondia: “Se formou. É jornalista!”, dizia orgulhosa.

A ‘pompa’ e o ‘prestígio’ que muitos acham que o jornalismo traz para a vida de alguém, na minha, parou nessa resposta de mamãe. Sempre encarei o jornalismo como um ofício. Cedo, descobri — nos baixos salários pagos nas redações — que para ficar na profissão tinha que me apaixonar por ela. E isso ocorreu. Nos 25 anos que separam o primeiro dia em que entrei em uma redação até a tarde de hoje (novembro de 2020), quando concluo este depoimento, o jornalismo esteve no centro da minha vida.

Entre no jornalismo por um empurrãozinho do destino. Sempre tive curiosidade pela profissão e queria ‘ser ouvida’ como os locutores da Rádio Rural de Caicó. Na casa de minha tia em Caicó (onde fui morar aos 9 anos de idade para estudar), ninguém dava um ‘pio’ durante o

almoço, pois era hora de ouvir atentamente o jornal no radinho Motorola que sempre estava sobre a mesa.

Os donos daquelas vozes, pensava eu, sabiam de tudo e eram as pessoas mais inteligentes que eu conhecia. Queria ser como eles. Mesmo na casa de minha tia, nunca tive contato com jornal impresso durante a infância e adolescência. O jornalismo era uma profissão encantadoramente distante para mim.

Sai de Caicó para Natal aos 16 anos para fazer segundo grau. Fui aprovada na ETRN e cursei Edificações. Quando me preparava para o vestibular, queria Jornalismo, mas os poucos familiares que conversavam sobre questões profissionais, questionavam sobre o 'futuro' que o curso me daria. Influenciada por esses questionamentos, prestei vestibular para Direito.

Não passei por cinco décimos e, para minha surpresa, fui convocada em segunda chamada pela UFRN. Havia vaga em Jornalismo... era o empurrãozinho do destino e eu mergulhei no desconhecido mundo da comunicação profissional.

Cursei Jornalismo no turno da noite. Quando iniciei o curso, trabalhava como técnica em Edificações na construção de um grande hotel na Via Costeira e tinha muito pouco tempo para pensar na futura carreira.

No segundo semestre do curso, escrevi minha primeira matéria. Um texto para um jornal de Parnamirim, que era voltado ao turismo. Não tinha a menor técnica jornalística e, até hoje, não consigo ler o texto até o fim, de tão ruim que ficou. Mas guardo a página amarelada como um troféu. O pagamento pelo primeiro trabalho foi em forma de um

mini-gravador profissional e acho que me senti uma “Lois Lane”.

A questão remuneratória da profissão sempre esteve presente nas discussões em sala de aula, durante o curso. O professor Ricardo Rosado nos provocava e dizia que ser jornalista não valia a pena porque era ‘muito trabalho e pouco salário’.

Cheguei a discutir com ele em sala sobre esse tipo de desmotivação. Um mês após essa discussão, ele me indicou para uma vaga inovadora que o então diretor de Redação do Diário de Natal, Aluizio Lacerda, estava planejando.

O DN buscava uma jornalista jovem e sem vícios profissionais para cobrir as eleições municipais de 1996, em Natal. Fui indicada para esse estágio que me abriu as portas do principal veículo de comunicação do Estado e para uma editoria que ninguém começava: política.

Eu não tinha a menor noção de como funcionava uma redação, não acompanhava o jornal impresso, não conhecia ninguém, não sabia fazer um *lead*. E essa minha ignorância me ajudou. Se eu soubesse, à época, da importância de uma notícia impressa, não teria conseguido. Não tinha técnica jornalística, mas carregava uma das principais características que um jornalista precisa ter — e que me move até hoje: vontade de descobrir.

Me apaixonei pela redação logo que abri a porta. Aquele barulho, aquele povo vivo e questionador, aquele cheiro de café, aquelas mesas bagunçadas, a sensação de dar conta do mundo. A redação é um lugar que tem tudo para dar errado. São tantos os processos, os horários, as equipes,

as funções. Mas no final do dia, sempre dá certo. E eu me encantei por aquela fábrica de contar histórias.

Uma semana após o início do trabalho, e sem nem saber quanto eu receberia por mês, pedi demissão do emprego de técnica em edificações. Queria dedicar todas as horas do meu dia a aprender aquela profissão.

Lembro que ficava impressionada com a facilidade com que Rogério Cadengue — meu professor de “Jornalismo impresso I” — tinha para construir um *lead*, e imaginava que nunca conseguiria fazer aquilo com tanta facilidade se não me dedicasse completamente à redação.

Fui a primeira estagiária da redação do Diário de Natal, que na época era feito por jornalistas, como, por exemplo, Aluísio Lacerda, Cassiano Arruda, Vicente Serejo, Osair Vasconcelos, Carlos Magno, Margareth Martins, Gerson de Castro, Carlos de Sousa, Vicente Neto.

Chegava ao jornal pela manhã e só saía à noite. Queria conversar com o editor, debater com o fotógrafo, discutir a pauta, ver a diagramação, dar detalhes ao infografista. Essa curiosidade me fez aprender bem rápido todo o processo de produção da notícia e entender que, no jornalismo, ninguém faz nada sozinho.

Minha vida passou a ser a redação. Lembro que comecei a campanha de 1996 cobrindo os candidatos periféricos (de partidos nanicos). E levei a sério a minha tarefa. Todos os dias, escrevia um monte de textos de candidatos que pouco interessavam à cobertura.

Alguns meses depois, já estava cobrindo a visita do Presidente da República (na última visita que Fernando Henrique Cardoso fez ao RN como ministro). Era mágico

estar presenciando a história da cidade de um ângulo que poucos conseguem. Nessa época, eu era muito romântica em relação à profissão.

Fiquei cinco anos no Diário de Natal. Lá, casei com um diagramador — com quem tive meu filho. Ou seja, toda a rotina da redação era assunto para as conversas de casa.

Em cinco anos que fiquei no Diário de Natal, escrevi milhares de textos, cobri eleição estadual de 98, outra eleição municipal (2000), fiz matérias de buraco, via costeira, plano diretor, licitação de transporte urbano, violência urbana, primeira rebelião de Alcaçuz, venda da Cosern, adutoras, pólo gás-sal, urbanização de Ponta Negra, projeto de duplicação da BR 101, violência contra mulher, chacina em São Gonçalo, caça-níqueis, nova ponte sobre o Rio Potengi, Dia da Vagina (Osair Vasconcelos, diretor de Redação do DN, me desafiava a escrever sobre temas inusitados, e eu agradeço muito por isso), Indígenas Potiguaras, desigualdade social, seca, corrupção, preconceito.

Infelizmente, os problemas que estampavam as páginas dos jornais nos anos 90 continuam hoje ainda em pauta, mostrando que quase nada se revolve na velocidade dos sonhos de uma jovem e sonhadora jornalista.

Após cinco anos de jornal, me sentia como se já trabalhasse há cinco décadas. Nesse período, fui de estagiária à repórter especial e era uma das poucas profissionais que, com minha idade, conseguia sobreviver financeiramente sem precisar de um segundo trabalho. Mesmo que, para isso, eu me dedicasse quase que exclusivamente ao jornal.

Entre 2000 e 2001, a rotina da redação estava me consumindo, especialmente após ser mãe. Nesse período,

senti fortemente a falta de acolhimento do ambiente de redação para uma jornalista-mãe. Como não conseguia mais produzir como antes — porque já não ficava na redação como antes — a sensação que tinha era de improdutiva, e descobri nesse momento que os profissionais que mais se doam são os mais cobrados.

No período conturbado onde não conseguia direito nem ser mãe, jornalista ou mulher, passei a olhar para outros campos profissionais, além das redações. E concorri a uma vaga de assessora de imprensa da Unimed.

Aprovada, pedi demissão do DN e fui trabalhar pela primeira vez como assessora. A experiência durou um ano e foi muito rica. Na verdade, foi um curso intensivo de *endomarketing*, relações públicas e gestão de marca.

Da Unimed, fui convidada para assumir meu primeiro cargo de chefia em uma redação: chefe de pauta da Tribuna do Norte. Essa primeira passagem pela TN me possibilitou um encontro que me ajudaria a consolidar a visão que tenho da profissão: com o jornalista Carlos Peixoto.

Fiquei apenas um ano nessa função, o suficiente para aprender que essa era a mais ingrata e conturbada tarefa de toda a engrenagem que se move para colocar um jornal impresso nas bancas.

Foi um período de muito amadurecimento, pois saí da confortável posição de “repórter reclamona” para começar a entender melhor a operação da produção do jornal após o ponto final do repórter. Também comeci a aprender a liderar pessoas, a mais difícil função em qualquer área profissional.

No final de 2002, recebi o inesperado convite para compor a equipe de comunicação da recém-eleita governadora do RN, Wilma de Faria. Não tinha aproximação pessoal com nenhum político e nem imaginava receber a proposta dela, que sempre foi personagem de diversas reportagens fortes que fiz na época do Diário de Natal.

Aceitei o convite e saí de um cargo de chefia para ser repórter da assessoria do Governo; e, ainda, ganhando menos. Explico a decisão: queria aprender os caminhos da comunicação política e acompanhar de perto o governo da primeira mulher a assumir o comando do RN. Passei pouco mais de um ano como repórter e, em 2004, assumi a coordenação-geral de comunicação do governo.

Fiquei na função até setembro de 2010. Nesse período, também fui assessora de imprensa de duas campanhas eleitorais: a de 2006 (que reelegeu Wilma de Faria ao Governo) e a de 2010 (que terminou com a derrota na tentativa de reeleição de Iberê Ferreira e da eleição ao Senado de Wilma de Faria).

Nesse período, quem conduzia as estratégias de comunicação eram Alexandre Macedo (*marketing*) e Rubens Lemos (Secretário de Comunicação), que sempre me abriram portas e confiaram em minha capacidade profissional.

Enquanto estava no Governo, tive outras duas grandes alegrias: a proximidade de pessoas como Adriano de Souza, Mário Ivo, Edwin Carvalho, Moura Neto e Ivanísio Ramos (que me inundaram de conhecimento e de valores humanos); e a possibilidade de conhecer todas as 167 cidades do Rio Grande do Norte. Aprendi muito sobre comunicação, política e gente.

Dessa época, um destaque: com Wilma de Faria, aprendi o quanto é difícil uma mulher assumir uma função pública e, pela primeira vez, passei a entender que não há igualdade de gênero nas disputas e no comando. Os erros das mulheres são superdimensionados e os acertos precisavam ser repetidos à exaustão para serem reconhecidos.

A volta para o jornalismo após tanto tempo em assessoria política era um grande desafio. Durante os oito anos em que fiquei no Governo (2003/2010), tive uma grande preocupação: manter-me profissional e não fazer nada que eu tivesse vergonha no futuro ou que me impedisse, por questões éticas, de concorrer a uma vaga de trabalho. Mesmo tendo esse cuidado, ainda tinha dúvidas sobre a aceitação da minha mão de obra em redações.

Durante os oito anos em que estive na Assessoria do Governo, as redações de todo o mundo passavam por profundas e rápidas transformações. No RN, o Diário de Natal já não era mais líder do mercado, os veículos não tinham aprendido a se posicionar na internet (e ainda não aprenderam) e havia a onda de *blogs* que não produziam conteúdo, mas sabiam distribuir bem os textos dos outros e se apresentavam como o “novo jornalismo”.

Entre os jornais impressos (meu *habitat* natural na profissão), a Tribuna do Norte — sob o comando de Carlos Peixoto — havia se firmado como principal produtor de conteúdo jornalístico do Estado.

O Diário tentava retomar relevância com aposta em drásticas mudanças na equipe, endereço e formato. Até mesmo uma mudança de logística foi feita à época, quando todos os editores foram morar e editar o jornal em Recife.

Apostas que não deram certo e que levaram ao fechamento do jornal em 2012.

Em 2010, a novidade no impresso estava com o Novo Jornal, recém fundado pelo jornalista Cassiano Arruda e que tentava não apenas ser um novo jornal impresso, mas ser um “novo jornalismo impresso”. Mas a falta de fôlego financeiro do projeto já dava os primeiros sinais.

Após sair do Governo e depois de um mês de folga (para tentar desacelerar a frenética rotina de trabalho em uma assessoria de governo), fiz as primeiras ligações em busca de trabalho. Liguei para dois ex-chefes e amigos: Carlos Peixoto (então diretor de redação da Tribuna do Norte) e Carlos Magno (então diretor do Novo Jornal).

Das duas breves conversas que tive com os amigos sobre minha disponibilidade para trabalhar, a que tive primeira resposta foi com Carlos Peixoto. Deixei claro que aceitaria qualquer função na redação. A porta da redação se abriu para cobrir as férias.

Em dezembro de 2010, voltei para a TN para exercer uma função que não tinha experiência: editora do caderno Natal (maior editoria do veículo). Na redação, os mesmos problemas de sempre: baixos salários e muito trabalho, somados a um forte complicador: frequente redução de equipes e número de páginas nas edições (reflexo da queda de anúncios, assinantes e, conseqüente, queda no faturamento).

Outra diferença grande: a internet estava como nunca fazendo parte da rotina dos leitores, mas os jornais não conseguiam ocupar espaço nessa nova plataforma. Nem mesmo o “Novo Jornal”, que mostrava modernidade no

nome, havia despertado para a onda que já começava a engolir a área da comunicação.

Na Tribuna do Norte, não havia uma estratégia definida de posicionamento digital. O jornal continuava a produzir o melhor conteúdo jornalístico do Estado, mas não ampliava sua presença digital. A TN mantinha a liderança estadual na audiência online, mas não crescia no mesmo ritmo da expansão digital.

Percebi que precisava voltar a estudar para tentar entender a avalanche digital e saber me posicionar como jornalista nesse meio. Duas dificuldades iniciais nesta volta à sala de aula: encontrar informações voltadas para o jornalismo digital e definir o que estudar.

Não encontrei muitas respostas para isso e fui fazer cursos de mídias digitais — mesmo voltados para *marketing*. Tentava entender o universo digital e adaptava os ensinamentos do *marketing* para o jornalismo.

Entre 2012 e 2016, fiz duas pós-graduações: Mídias Digitais (UnP) e Gestão de Marcas (UFRN). Nesse período, pedi autorização à direção da Tribuna do Norte para organizar a distribuição do conteúdo em redes sociais e otimizar a edição das reportagens no site. Intuitivamente e sem qualquer custo financeiro para o jornal, conseguimos montar a maior rede de distribuição de conteúdo jornalístico do Estado.

Em junho de 2020, quando saí da TN, entreguei a empresa — que já tinha a maior produção jornalística do Estado — com a maior rede de distribuição de conteúdo, com quase 1 milhão de perfis conectados. Os perfis da TN

eram líderes em número de seguidores e interações em todas as redes (Facebook, Instagram e Twitter).

Nesse período, também mudei de funções dentro da redação. Em 2013, com a saída da jornalista Luciana Campos do jornal, assumi a Editoria Executiva e, em 2018, fui indicada por Carlos Peixoto para assumir a diretoria de redação.

Um desafio duplo: ser a primeira mulher a liderar o jornalismo da TN e ocupar o lugar dele (Carlos Peixoto) que, durante 25 anos, formou uma geração de jornalistas sérios, formatou a linha editorial e fez com que o jornal conquistasse a credibilidade e confiança dos leitores.

Os 10 anos que passei na TN, nesta segunda fase, foram os mais produtivos em minha carreira como jornalista. Mesmo ocupando cargos de chefia, continuei produzindo reportagens e, não tenho dúvidas, assinei as mais bem embasadas matérias de minha carreira.

Destaco a cobertura sobre funcionários fantasmas da Assembleia Legislativa do RN, onde — com técnicas de jornalismo de dados — consegui descobrir o grande aumento no número de cargos comissionados na Casa, e a série de reportagens culminou com a demissão de quase 800 pessoas que recebiam sem trabalhar.

A reportagem foi repercutida por todos os veículos de comunicação do Estado e embasou uma investigação no Ministério Público e no Tribunal de Contas sobre esses desvios.

Com a jornalista Renata Moura, assinei três trabalhos de jornalismo digital que resultaram em 14 prêmios regio-

nais, nacionais e internacionais, colocando o jornalismo do RN no *ranking* dos mais premiados do Nordeste.

Entre 2014 e 2017, vencemos prêmios nacionais, concorrendo com empresas como Folha de São Paulo, e o internacional IES Bussines (de Madrid, Espanha), antes dado a uma única jornalista brasileira: Miriam Leitão, da Rede Globo.

Os prêmios nunca foram o motivo de qualquer ação profissional minha, mas a importância deles em minha carreira foi para confirmar que qualquer trabalho jornalístico bem feito não tem nada de genialidade, depende, sim, de esforço e dedicação.

Entre 2017 e 2020, também consegui me firmar como correspondente do jornal Folha de São Paulo no RN, e fui uma das 11 jornalistas escolhidas pelo jornal para participar, em SP, do primeiro treinamento dado a colaboradores fora da região Sudeste.

Entre 2018 e 2020, estive no comando da redação da TN e, quando assumi essa função, firmei um compromisso comigo mesma: não passar mais de dois anos no cargo.

No final de 2019, havia conversado com a diretoria da empresa, externando o meu desejo de me afastar do jornal e, em maio de 2020, diante de mais um corte drástico na equipe da redação e de aceno de mudanças estruturais na administração da empresa, me comprometi a realizar a transição e, em seguida, sair do jornal.

Entreguei um jornal líder em audiência no impresso, e com liderança absoluta no digital. Mesmo com os cortes na redação ocorridos ao final de março, com equipe trabalhando remotamente por causa da pandemia, registramos

nos cinco primeiros meses de 2020 (saí da redação em 31 de maio de 2020) a maior audiência da história do site da TN.

Foram superados todos os recordes (diário, semanal, mensal e anual). E todo o trabalho desenvolvido por uma pequena, mas aguerrida equipe, reforçando ainda mais a minha convicção de que, no jornalismo, ninguém faz nada sozinho.

Aqui, pontuo o grande apoio de companheiros, como Margareth Grilo, Carlos Bezerra, Rosa Lúcia Andrade, Aldemar Freire, Hudson Helder, Júlio Pinheiro, Cinthia Lopes, Ricardo Araújo, Alex Régis e Itamar Ciríaco (todos editores nessa época); além dos repórteres, fotógrafos, diagramadores e estagiários que sempre estavam presentes ao trabalho com toda dedicação e respeito que a nossa profissão merece.

A TN, na verdade, foi um grande laboratório para a nova fase da minha vida profissional. Sem planejar, comecei a me especializar em uma área que não existia nas redações há cinco anos e que, nem sequer, era imaginada lá em 1996, quando comecei: a audiência digital.

Com a bagagem que adquiri no digital da TN, passei a ser procurada para dar aulas sobre distribuição de conteúdo em redes digitais e fiz parte das equipes de professores das pós-graduações em mídias digitais da UnP, Estácio, Unifacex e da Escola da ALRN. Meus últimos dois anos na redação coincidiram com o mestrado em Estudos da Mídia, na UFRN.

A pesquisa, concluída ao final de 2019, teve como tema os novos movimentos do jornalismo em redes digitais com foco na audiência alcançada pelo El País no Brasil.

Também passei a dar consultoria em audiência digital. Logo que saí da TN, fui convidada para uma consultoria no Portal Correio, líder em audiência digital na Paraíba.

Em outubro, fui aprovada no doutorado em Ciências da Comunicação do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE) e me mudei para Portugal. Estou estudando distribuição de conteúdo jornalístico em redes digitais.

O objetivo é ajudar os profissionais de jornalismo a entender como editar e distribuir melhor o conteúdo jornalístico em redes digitais e, assim, conseguir maior alcance de leitura — primordial em tempos de tanta desinformação.

Não sei onde estarei daqui a 10 anos, mas tenho certeza que continuarei na área de comunicação/jornalismo. Estou me reinventando junto com a profissão e me sinto renovada a cada descoberta.

Organizadores

Gustavo Sobral é jornalista e escritor, mora e vive em Natal-RN. Autor e organizador de diversos livros, ensaios e artigos, dedica-se ao estudo de temas culturais diversos. Interessado em cultura brasileira e pela vida na sua cidade, Natal, passou a reunir toda a sua produção de textos e de desenhos no seu site pessoal: gustavosobral.com.br.

Juliana Bulhões é jornalista, radialista e vive em Natal-RN. Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e doutora em Comunicação Social pela Universidade de Brasília. Dedicar-se à pesquisa e à docência. Email para contato: julianabulhoes.ad@gmail.com.

Sobre este e outros livros

É preciso registrar que este livro foi aprovado para captação de recursos pela Lei Djalma Maranhão da cidade do Natal, por duas vezes, mas, infelizmente, não houve empresa interessada em patrocinar o livro com os recursos públicos oriundos da recusa fiscal para investimento em cultura na cidade.

Agradecemos aos avaliadores por terem acreditado na seriedade do projeto, agradecemos à produtora cultural Mariana Hardi por todo apoio e por acreditar neste livro. À edição competente da Biblioteca Ocidente, é um trabalho louvável que vem povoando as nossas bibliotecas com trabalhos de relevo.

Aqui cabe também a agradecer ao revisor Matheus Gomes, que tivemos também o privilégio de termos como revisor do nosso Manual de Assessoria de Imprensa (2024). A Gabriel Araújo, responsável pela capa e editoração. À artista Angela Almeida, que nos apresentou com a imagem da capa, e ao nosso editor Francisco Issac Dantas de Oliveira.

E, principalmente, pois com as suas trajetórias de vida, com a disponibilidade e atenção que depositaram neste projeto, tornando-o possível, agradecemos às jornalistas que aqui nos deixaram registrar as suas memórias: Rejane

SOBRE ESTE E OUTROS LIVROS

Cardoso, Josimey Costa, Marize Castro, Anelly Medeiros, Anna Ruth Dantas, Rosilene Pereira e Cledivânia Pereira Alves, jornalistas.

Outros trabalhos dos autores podem ser acessados de forma gratuita no site gustavosobral.com.br, quais sejam: *Manual de assessoria de imprensa: exclusivo e prático* (Biblioteca Ocidente, 2024); *Jornalismo, Biografia e Crônica* (EDUEPB, 2023) e *Memórias do Jornalismo no Rio Grande do Norte* (Caravela Cultural, 2018).

Este livro é um mergulho na memória e na essência do jornalismo, contado pelas vozes de sete mulheres que marcam o ofício no Rio Grande do Norte. São relatos que tomaram forma por meio de palavras escritas em primeira pessoa, carregadas de vivências e reflexões. As histórias transitam entre o início da carreira, os desafios da profissão, e o significado do jornalismo para cada uma delas, tecendo um mosaico rico e diverso. Rejane Cardoso, Josimey Costa, Marize Castro, Anelly Medeiros, Anna Ruth Dantas, Rosilene Pereira e Cledivânia Pereira Alves emprestam suas trajetórias para construir, com sensibilidade e força, uma memória coletiva que celebra a essência do fazer jornalístico e a alma de quem o vive.

Francisco Isaac D. de Oliveira



Editora Biblioteca Ocidente
LIBRUM LUX MUNDI